

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Vicente Andrade de Carvalho

**Regras no radiojornalismo esportivo:
Os comentários de arbitragem nas rádios *Gaúcha* e *Bandeirantes***

Porto Alegre

2014

Vicente Andrade de Carvalho

**Regras no radiojornalismo esportivo:
Os comentários de arbitragem nas rádios *Gaúcha* e *Bandeirantes***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Profa. Dra. Sandra de Fátima Batista de Deus

Porto Alegre

2014

Regras no radiojornalismo esportivo:
Os comentários de arbitragem nas rádios *Gaúcha* e *Bandeirantes*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em:
BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sandra de Fátima Batista de Deus – UFRGS
Orientadora

Prof. Vicente Fonseca – UFRGS
Examinador

Prof. Marcelo Noronha – UFRGS
Examinador

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, que recebeu com entusiasmo meu desejo de me tornar jornalista, incentivou e deu o empurrão decisivo para encarar esse desafio.

À minha família que me deu o suporte necessário para que isso tudo se concretizasse.

À minha madrinha Jubiara e meu avô Vilmar, pelos conselhos e preocupação com meu futuro.

À Sandra de Deus, que acreditou no projeto e apontou os caminhos para a realização da pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa tem como fio condutor a especialização dos quadros profissionais do radiojornalismo esportivo, a partir do estudo das rotinas dos comentaristas de arbitragem das rádios Gaúcha e Bandeirantes, em Porto Alegre. O objetivo é apurar de que maneira se dá a profissionalização desses jornalistas no conhecimento das regras, quais são as metodologias de trabalho desenvolvidas por esses profissionais e identificar que avanços são estabelecidos nesse contexto. A pesquisa se embasa nas informações obtidas através de entrevistas com Chico Garcia e Diori Vasconcelos, da Bandeirantes e Gaúcha, respectivamente. A conclusão é que o trabalho desses comentaristas representa um avanço significativo na profissionalização dos quadros esportivos ao passo que são jornalistas que a partir da aquisição de conhecimento aprofundado e especializado nas regras, se tornam capazes de desenvolver métodos novos de trabalho e desempenhar de forma competente e diferenciada a decodificação do universo da arbitragem para a audiência.

Palavras-chave: radiojornalismo esportivo; análise de arbitragem; jornalismo especializado.

ABSTRACT

This research is guided by the expertise of professional staff of sporting radio journalism, from the study of the routines of referee commentators of radio Gaúcha and Bandeirantes, in Porto Alegre. The goal is to determine in which way happens the professionalization of these journalists in the knowledge of the rules, which are the working methodologies developed by these professionals and to identify improvements that are established in this context. The search was grounded on information obtained through interviews with Chico Garcia and Diori Vasconcelos, of Bandeirantes and Gaúcha, respectively. The conclusion is that the work of these commentators represents a significant advance in the professionalization of sporting staffs since they are journalists that from the acquiring in-depth knowledge and expertise in the rules, become able to develop new methods of work and perform in a competent and differentiated way the decoding of the universe of refereeing for the audience.

Keywords: sports radio journalism; refereeing analysis; specialized journalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE RADIOJORNALISMO NO BRASIL.....	14
2.1 Avanços e evolução dos noticiários de rádio	15
3 POPULARIZAÇÃO DAS COBERTURAS ESPORTIVAS	20
3.1. Profissionalização e novas funções nos quadros esportivos	23
4. O ANALISTA DE ARBITRAGEM COMO ESPECIALISTA	33
4.1 Arbitragem e regras no futebol	35
4.2 Cenário da análise de arbitragem no Rio Grande do Sul	37
4.3 Os comentários de arbitragem nas ondas da Gaúcha e da Bandeirantes	39
4.3.1 Da LBV à Bandeirantes: a trajetória de Chico Garcia no jornalismo geral e esportivo.....	40
4.3.2 Do jornalismo geral aos esportes: crescimento profissional de Diori na rádio Gaúcha.....	42
4.3.3 Metodologias de trabalho nos comentários de arbitragem	43
4.3.4 Critérios de avaliação.....	46
4.3.5 Aperfeiçoamento e atualização constantes: uma necessidade	48
4.3.6 Registro e resgate das informações.....	50
4.3.7 Rotina dos comentaristas de arbitragem	53
4.3.8 Decodificação das regras.....	59
4.3.9 O conhecimento das regras em outros canais	62
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

1.Introdução

Assim como os diversos outros campos inseridos no contexto e lógica capitalistas, as empresas de comunicação que produzem material jornalístico têm suas atividades e esforços intensamente orientados pela obtenção do lucro, e dependem do retorno financeiro gerado pela audiência e anúncios para sobreviver. Audiência que é alcançada à medida que o veículo transmite ao seu cliente uma imagem de credibilidade, veiculando informações qualificadas, e publicidade que é conquistada conforme o alcance do veículo já que é de interesse de quem investe para anunciar seus produtos nos canais de comunicação que esse investimento gere retorno, com o maior número de pessoas possível recebendo essa informação. Por isso, estar à frente da concorrência é fator determinante nos avanços buscados por essas empresas através de seus veículos para garantir que a maior parcela possível do público se informe através deles.

Se a qualidade do material informativo levado às pessoas é fundamental nesse contexto – para fins de equiparação e obtenção de vantagens frente às empresas concorrentes – são comuns os investimentos em avanços tecnológicos para assegurar que a recepção do conteúdo que chega ao público alvo ocorra sem interferências, como no caso dos meios eletrônicos, na sintonização dos canais de televisão e frequências de rádio; nos digitais, para que sites de notícias sejam capazes de suportar uma grande carga de acessos sem cair; ou ainda no impresso, tornando dinâmica e agradável a experiência da leitura. Mas se a qualidade da apresentação do conteúdo é importante, tão relevante quanto isso é a da informação em si, e conseqüentemente dos profissionais especializados na apuração e obtenção das que possuem relevância, seja obtendo-as em primeira mão, com a experiência de repórteres capazes de identificar fontes informativas e avaliar o interesse delas na difusão do que estão repassando, ou mesmo na análise de temas, dados e assuntos de maior profundidade. Contar com essa categoria de especialistas em suas equipes muitas vezes poupa os veículos de recorrerem a fontes externas quando precisam de análises pontuais e respostas para questões que um jornalista não poderia responder com o apuro de quem possui conhecimento e informações para fazê-lo, como as suscitadas na abordagem diária de fatos, situações, projeções e contexto geral das esferas política, econômica, jurídica, cultural, entre outras. Até por terem domínio e repertório cognitivo dessas áreas, os

profissionais contratados para tratar deles em suas especificidades podem não ser formados em jornalismo.

Mas há também as editorias em que a contratação desses especialistas não está necessariamente implicada apenas com o conhecimento dele na área, uma vez que também podem levar em conta o prestígio obtido nas áreas com as quais vão trabalhar. Nas editorias de esportes, por exemplo, não são raros os comentaristas contratados pelas emissoras por terem tido destacada carreira no campo esportivo, o que é comum em eventos de grande importância, como a Copa do Mundo e Olimpíadas. Muitos são os exemplos e na televisão, é recorrente que esses especialistas sejam ex-atletas, ex-jogadores de futebol e em repetidas ocasiões, ex-árbitros contratados para comentar as partidas no que se refere às atuações das equipes de arbitragem. O investimento em nomes de fácil identificação do público não significa também que eles sejam os mais habilitados para analisar o assunto, mas de qualquer forma implica a pressuposição de que a carreira pregressa no esporte por si só agrega credibilidade suficiente para que as pessoas recebam esta informação ou opinião como algo qualificado e confiável.

No contexto do radiojornalismo esportivo isso é raro. É muito mais comum na televisão, no contexto das grandes emissoras. O que se verifica na verdade, é que a especialização no meio se dá predominantemente pela evolução dos profissionais, que passam por diversas funções dentro dos departamentos esportivos, adquirindo competências através do exercício rotineiro das tarefas relativas a essas responsabilidades. Vale salientar que na divisão de tarefas e funções também acaba pesando além das competências e habilidades dos profissionais, as suas trajetórias dentro do jornalismo, o que abrange fatores como o carisma e o tempo em que trabalham no ramo. Em se tratando de coberturas de esportes, essa sistemática fica evidente na composição das equipes esportivas de rádio, que valoriza a figura do narrador, já que muito do sucesso das jornadas passa historicamente por ele, que centraliza as transmissões, fazendo do espetáculo muito mais que um simples jogo de futebol e agregando a ele uma grande gama de dramaticidade e emoção.

Em razão do gradativo crescimento da demanda de informações geradas nos jogos, as equipes esportivas das emissoras de rádio não contam apenas com o trabalho dos locutores esportivos. A ele se somam os repórteres, que acompanham os lances muito próximos ao campo de jogo, atentos ao que acontece dentro dele, e

que também são designados para se deslocar pelas arquibancadas e levar a palavra do torcedor ao ouvinte. Já a análise crítica dos jogos é de responsabilidade dos comentaristas, que ficam posicionados nas cabines de transmissão. Há ainda o profissional responsável pelo plantão esportivo, que lida com os dados estatísticos das partidas, campeonatos, desempenho dos atletas e informações paralelas aos jogos acompanhados. Em algumas emissoras, há ainda o comentarista de arbitragem, que faz a avaliação crítica da atuação dos árbitros e bandeirinhas, informando a audiência se as decisões tomadas por eles dentro de campo foram acertadas ou não, com a justificativa baseada no conhecimento das regras do jogo. Não são todas as emissoras que contam com estrutura para manter uma formatação como essa e mesmo as que contam, lançam mão dela apenas nos jogos que acontecem na cidade onde estão sediadas.

Ao longo da trajetória do jornalismo constata-se portanto que a especialização das coberturas esportivas evoluiu e segue firme nesse processo em que estão implicados os desafios de levar ao público todas as informações sobre o contexto dos campeonatos e jogos de maneira qualificada, aprimorando a dinâmica de trabalho existente com a inserção de novas práticas para atender uma demanda cada vez mais ampla de geração de conteúdo. Dentro dessa escala em que novas tarefas são agregadas às já existentes, é interessante compreender a importância dessas mudanças e o que elas acrescentam à rotina do radiojornalismo esportivo.

Sob esta perspectiva de evolução, a presente pesquisa tem como foco os observadores de arbitragem e sua atuação nas programações e transmissões esportivas nas rádios de Porto Alegre. Se na televisão, o público já está habituado há décadas com os comentaristas de arbitragem que participam com regularidade transmissões, no rádio, não se pode dizer o mesmo. Apesar de experiências anteriores já registradas na história do radiojornalismo esportivo da presença de profissionais da função, elas são raras e nem mesmo significaram um marco em termos de avanços ou pelo menos uma regularidade quanto à manutenção desses profissionais nos quadros, tampouco de gerar um efeito de padronização na formatação das equipes, como aconteceu com outras funções, como a do plantão, que a partir de sua criação e constatação de que se tratava de um diferencial, foi implantado por outras emissoras que cobriam esportes.

O que não se pode dizer do contexto verificado nas rádios em Porto Alegre nos últimos anos, onde a maior parte das emissoras que realizam jornadas esportivas regularmente contam ou contavam com um comentarista de arbitragem em seus quadros profissionais. O jornalista da rádio Guaíba, Ernani Campelo, foi o primeiro a ocupar a posição, antes mesmo de ter feito o curso de formação para árbitros da Federação Gaúcha de Futebol, em 2006. Depois dele, outros jornalistas gaúchos seguiram pelo mesmo caminho e alguns obtiveram rápida notoriedade, como Henrique Marques, que não demorou muito para ter o seu trabalho na rádio Gaúcha reconhecido e acabou saindo em seguida da emissora para trabalhar no Rio de Janeiro. Já o seu sucessor, Chico Garcia, hoje atua na Bandeirantes de Porto Alegre, com uma carreira bastante consolidada.

Compreender o trabalho desenvolvido pelos analistas de arbitragem é um desafio dentro desse paradigma de evolução do radiojornalismo esportivo. Pois se em uma partida transmitida pela televisão, ainda ficam dúvidas em relação a diversos lances ocorridos ao longo dela e atuação do árbitro e bandeirinhas – mesmo com a gama de imagens disponível e possibilidade de repetição das mesmas, e por isso se recorre à atuação de um comentarista de arbitragem – em um jogo transmitido pelo rádio tudo é mais nebuloso e o ouvinte é refém daquilo que lhe é dito, tendo ainda o trabalho de interpretar aquela informação que lhe é fornecida. É fundamental portanto que os jornalistas deem o panorama completo, informando com precisão e imediatismo o que ocorre em campo, com cada um deles se responsabilizando por parte dessas informações.

O objetivo dessa pesquisa é portanto compreender a nova configuração dos quadros esportivos do radiojornalismo gaúcho através da análise do trabalho dos profissionais atuantes em Porto Alegre. Com a inserção do analista de arbitragem nesses times, parte-se do pressuposto de que todo o repertório informativo que pode ser gerado em uma jornada esportiva está coberto. Há ainda de se ressaltar o fato de se tratar de um profissional formado em jornalismo e que consciente de seu trabalho com o tratamento da informação e transmissão dela de maneira eficiente e de acordo com as especificidades do veículo, deverá acionar também os conhecimentos das regras de jogo para gerar esse conteúdo.

A partir da constatação de avanço na profissionalização do radiojornalismo esportivo gaúcho, este trabalho tem como proposta entender como se desenvolve o

trabalho dos analistas de arbitragem das emissoras de Porto Alegre, o que eles agregam ao conteúdo produzido durante a transmissão das partidas e de que forma ocorre a mescla do conhecimento das regras de jogo com o fazer jornalístico na origem e emissão desse repertório informativo. Aliando meu interesse pelo radiojornalismo e pelos esportes, a pesquisa buscará suporte teórico na história do rádio com foco nas editorias esportivas e se deterá nos trabalhos dos analistas de arbitragem em atividade nas rádios de maior audiência de Porto Alegre.

Desenvolver essa pesquisa justifica-se por haver poucos trabalhos voltados para a atuação desse profissional, apesar da existência de um número mais expressivo de pesquisas que tratam de outras funções dentro de uma equipe de esportes, como o trabalho dos narradores e repórteres. Entre os estudos já realizados, “Futebol e rádio: O narrador como o condutor do espetáculo”, de Tiago Ritter dos Santos, “O comentário na jornada esportiva da rádio Guaíba AM”, de Thiago Souza Prado e “Gol! O plantão esportivo como meio complexo de informação”, de Luciano Périco, que tratam respectivamente dos trabalhos de profissionais da narração, comentários e plantão esportivo.

Além disso, o investimento em profissionais qualificados para certas funções no radiojornalismo também evidencia que o rádio segue muito forte como veículo de informação em uma era em que ao invés de ter sido ficado pra trás na disputa com outros meios, se beneficiou e soube evoluir com o advento deles, adaptando-se à nova realidade, em que é possível o acesso às programações radiofônicas por meio das novas plataformas digitais, através de aplicativos para *smartphones*, *tablets*, etc.

No primeiro capítulo, o trabalho fará um apanhado do desenvolvimento do rádio, trazendo a abordagem sobre a chegada do veículo ao Brasil, as primeiras experiências, e o modo como eram pensadas as primeiras programações, com ênfase na evolução do conteúdo de viés informativo até a efetiva implantação do radiojornalismo no país. No capítulo seguinte, a pesquisa desvia seu foco para o jornalismo esportivo e a segmentação e profissionalização das emissoras, com a identificação dos avanços conquistados ao longo da trajetória da cobertura de esportes no âmbito radiofônico, dentro da perspectiva de uma especialização crescente na qualificação da informação levada ao ouvinte.

E o último capítulo foca na inserção do analista de arbitragem como possível avanço na profissionalização dos departamentos esportivos de rádio e busca estudar a regularidade de investimento nesse segmento nas emissoras de Porto Alegre, a partir dos trabalhos desenvolvidos na Gaúcha e Bandeirantes, por Dióri Vasconcelos e Chico Garcia, respectivamente. Dentro deste tópico serão trazidas questões pertinentes à proposta de identificação de práticas e sistemáticas de trabalho na rotina dos analistas, referentes ao tratamento diferenciado dado às informações relacionadas à arbitragem, métodos adotados para a busca e registro de dados, entre outros questionamentos.

2. Primeiras experiências de radiojornalismo no Brasil

Historicamente dentro do contexto de evolução e mudanças na configuração do rádio, não só a elaboração das programações das emissoras foi se tornando cada vez mais pensada para atender interesses comerciais dentro da lógica de sobrevivência delas diante da concorrência, como também a implantação da radiodifusão no Brasil tem muito a ver com a lógica do capital. Segundo Ferraretto (2000, p.93), após o final da Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos passaram a buscar “novos mercados para garantir e ampliar seus níveis de lucro”, uma vez que não havia mais demanda dos países europeus pela produção norte-americana que estava voltada para seu abastecimento durante o conflito.

Um desses novos mercados seria o Brasil, onde foi realizada em 1922 a Exposição Internacional do Rio de Janeiro, para a qual as empresas norte-americanas Westing House e Western Electric trouxeram seus equipamentos para demonstração (JUNG, p24), evento em que dois transmissores trazidos pela empresa foram adquiridos pelo governo. (FERRARETTO, 2000, p.94).

O início da radiodifusão de fato no país e seu pioneirismo é alvo de disputas assim como a invenção do rádio. José Marques de Melo afirma (KLÖCKNER, p.9) que pernambucanos e cariocas divergem quanto a isso, uma vez que “os primeiros defendem que a nossa trajetória radiofônica teve início em 1919, com o funcionamento da Rádio Clube de Pernambuco”, enquanto os “outros argumentam: o mérito cabe à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que entrou no ar em 1923”. Segundo Jung (2005, p.20), essa foi a primeira emissora a fazer suas transmissões com regularidade e graças ao apoio do governo federal, que lhe emprestara dois transmissores. Mesmo atuando regularmente, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro operava sem uma grade de programação definida. Ela transmitia “uma série de programas com notícias de interesse geral, conferências literárias, artísticas e científicas, números infantis, poesia, música vocal e instrumental”. (FERRARETTO, 2000, p.96).

Também em 1923, o gênero jornalístico teve sua primeira experiência no rádio, através do professor Edgar Roquette-Pinto, que após a leitura dos principais jornais cariocas, marcava com lápis as notícias de maior relevância e fatos curiosos para fazer a leitura das mesmas no programa Jornal da Manhã (JUNG, p.19). Se

para a época, era o principal recurso para se manter os ouvintes informados, hoje isso é impensável pelo fato das notícias dos jornais trazerem fatos do dia anterior, o que vai contra a natureza do veículo de trazer eles tão logo sejam apurados e se possível ao vivo do local dos acontecimentos.

José Marques de Melo constata (KLÖCKNER, p.9) que o desenvolvimento do rádio “como meio de comunicação de massa, só se daria nos anos 40”. De acordo com ele (2011, p.9), “é nessa conjuntura que o rádio se converte em veículo propriamente jornalístico, difundindo notícias de modo instantâneo”. Após o início da radiodifusão no país, se passaram vários anos até que o radiojornalismo no Brasil pudesse se consolidar.

Até então, predominava em nossas emissoras o ‘jornal falado’. Esse formato reproduzia literalmente as informações publicadas pela imprensa diária. Durante duas décadas, o rádio brasileiro permanece a reboque do jornal, cujas manchetes matutinas e vespertinas eram vociferadas seletivamente pelos locutores de plantão. (MELO in KLÖCKNER, 2011, p.9)

Nos primeiros anos de rádio no Brasil, não havia a preocupação que existe hoje com a audiência e retornos financeiros advindos de contratos publicitários. Como no caso da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, as primeiras emissoras tinham uma preocupação muito mais voltada para os vieses educativo e cultural. Sem noção das potencialidades do rádio no que se refere no uso comercial e empresarial do veículo, os pioneiros do campo da radiodifusão viam seu uso muito mais como um passatempo. Zuculoto lembra que (2000, p.28), “nesta época o rádio se constrói como veículo de transmissão elitista”. Ainda visto como novidade tecnológica, o rádio era ainda tratado como passatempo dessa elite e sem exploração comercial e empresarial das suas potencialidades, as emissoras eram mantidas graças à ajuda de colaboradores, o que é evidenciado por Jung (2005, p.24) ao lembrar que “os responsáveis pela presença do rádio no Brasil, nos anos 20, foram grupos formados por amigos que dividiam os custos das transmissões”.

Essa realidade começa a mudar na década de 1930, quando os investimentos publicitários passam a ser permitidos pelo governo, que “organiza a veiculação da publicidade pelas emissoras com o Decreto nº21.111” (FERRARETTO, 2000, p.102). A partir dele, os espaços para veiculação publicitária passam a poder ocupar até 10% da programação das emissoras. Com a regulamentação da publicidade, a

radiodifusão passa de ser um passatempo para a elite para se converter em potencial investimento comercial com vistas ao lucro empresarial. É nessa conjuntura que as programações se consolidam e passam a ser fixas.

“criaram-se os radioteatros, as radionovelas, os programas humorísticos, os programas de jornalismo, as transmissões esportivas, os noticiosos, além de uma série de transmissões que privilegiavam a linguagem radiofônica, ancorada na oralidade, na capacidade narrativa, no domínio e no incitamento das emoções” (KLÖCKNER, 2011, p.41)

O processo de produção de conteúdo e as grades das emissoras recebeu forte influência do modelo adotado nos Estados Unidos, privilegiando a transmissão de musicais e programas de auditório dentro do estilo que tinha como principal atrativo o espetáculo. É nesse contexto que o rádio passa a ter no roteiro a “base de tudo”, como evidencia Ferraretto (2000, p.110), que afirma nesse sentido que a gravação dos programas passa a contar com a exigência de ensaios “para que, na hora da transmissão ao vivo, as locuções, os números musicais e os sketches humorísticos harmonizem-se em um todo coeso.” A mescla organizada de texto e música aconteceu no final dos anos 30, através de Henrique Foreis Domingues, novidade que abriu caminhos para mudanças que se concretizaram nos anos 40. Processo de produção que culminou no primeiro programa montado da história da radiodifusão brasileira, o “Curiosidades Musicais”, que seguia o estilo norte-americano de produção de programas. (FERRARETTO, 2000, p.110-111). Em segundo plano, o radiojornalismo começou a se consolidar na década seguinte, também sob forte influência dos Estados Unidos.

2.1 Avanços e evolução dos noticiários de rádio

O jornalismo ocupa lugar de destaque na programação das emissoras de rádio e possui importância fundamental na vida cotidiana da sociedade, ancorado no caráter instantâneo de produção de conteúdo, com a atualização constante dos fatos locais e de âmbito nacional e internacional. Parte desse conteúdo gerado é a partir do envio de repórteres para as ruas para a promoção da prestação de serviços que permitem orientar as pessoas no seu dia a dia, informando-as sobre as condições climáticas, situação no trânsito, transtornos que afetam a vida dos ouvintes, serviços públicos, etc. Mesmo que não tivesse o mesmo peso que possui atualmente, a

difusão de informações sempre esteve presente, desde o início da radiodifusão no Brasil.

O jornalismo, mal ou bem, sempre fez parte da programação. A notícia dividia o tempo com a indústria do entretenimento, que se difundia pelos programas de auditório, apresentação de calouros e transmissões das novelas. (JUNG, 2005, p.35)

Cada veículo possui uma linguagem que lhe é peculiar e faz com que a transmissão do conteúdo seja pensada para atingir seu público de forma eficiente, explorando todas suas potencialidades. Com o rádio não é diferente. Voltado para o entretenimento e para a difusão de notícias, passou por diversas fases, mudando sua abordagem e evoluindo de acordo com as pressões sofridas diante da concorrência com outras plataformas. Exemplo disso é a própria produção de conteúdo informativo, que lá no início das primeiras experiências, consistia muito na leitura das notícias dos jornais, prática comum para cumprir o objetivo de manter o público informado. Hoje, o processo envolve maior complexidade, com significativa independência das emissoras em relação à apuração de informações e produção de conteúdo jornalístico.

Pode-se dizer que o que há de comum com os textos escritos para outros veículos é a busca da objetividade e a estrutura da redação. Levando em consideração o principal pilar de redação jornalística, o texto para rádio é estruturado para trazer as informações em ordem de relevância, porém sucinto, composto através de frases diretas e preparado para leitura ocorrer de forma fluída, e sua transmissão acontecer de maneira dinâmica para facilitar a compreensão do ouvinte, já que ele poderá não recuperar aquela informação não compreendida em um segundo momento, como poderia fazer se estivesse lendo notícias em um jornal ou em uma página da internet.

A 'condição fugitiva da impressão auditiva' determina assim mais restrições ao discurso do radiojornalismo radiofônico. A impossibilidade do ouvinte deter-se sobre o enunciado, repetir a leitura ou mesmo determinar a velocidade da enunciação obriga a uma extrema simplificação sintática e semântica, com frases curtas e em ordem direta, contendo preferencialmente uma única ideia, expressa com precisão e clareza tais que neutralizem qualquer ambiguidade. (MEDITSCH, 2001, p.184)

Dentro desse processo de adaptação e desenvolvimento de uma linguagem própria, o rádio se tornou por excelência um importante veículo de prestação de serviços, informando os ouvintes em tempo real não só a respeito dos fatos registrados cotidianamente, como também sobre aquilo não diretamente relacionado com o relato de acontecimentos e fatos cotidianos, como a previsão do tempo. O fato decisivo para que o radiojornalismo brasileiro consolidasse uma linguagem própria e se desenvolvesse ao longo dos anos como um dos principais pilares responsáveis pelo rádio se manter como um veículo até hoje, foi a chegada do Repórter Esso, em 1941, no contexto da Segunda Guerra Mundial.

...uma síntese noticiosa de cinco minutos rigidamente cronometrada, a primeira de caráter global, que transformou o radiojornalismo brasileiro. Com o noticioso foi implantado o lide, a objetividade, a exatidão, o texto sucinto, direto e vibrante, a pontualidade, a noção de tempo exato de cada notícia, aparentando imparcialidade e contrapondo-se aos grandes jornais falados da época. (KLÖCKNER, 2011, p.23-24)

As notícias sobre o conflito ocupavam a maior parte do programa, pensado para prender a atenção dos ouvintes do primeiro ao último minuto, com a hierarquização da ordem em que eram lidas as notícias de acordo com a relevância, em que as mais importantes abriam e fechavam o noticiário. A produção dele era feita em sua totalidade nos Estados Unidos pela agência de notícias United Press, até o término da Segunda Guerra Mundial. Com o fim do conflito, as notícias locais ganharam espaço.

No que se refere à credibilidade do que era transmitido, as notícias eram confirmadas antes de sua divulgação. “Só ia ao ar o que era comprovado, e o Repórter Esso sempre citava as fontes oficiais.” (KLÖCKNER, 2011, p.62). O que também abre espaço para o fim do hábito de leitura dos fatos lidos diretamente de recortes dos jornais impressos nos programas noticiosos. Nesse sentido, Klöckner (2011, p.60) ressalta a importância da “criação da primeira estrutura redacional exclusiva dentro de uma agência de notícias para a elaboração do noticioso.” Outra novidade é a implantação de um manual, que trazia as orientações relativas à produção do noticioso. “Base para a padronização do formato e da linguagem do Repórter Esso, ele alertava naquela época para as qualidades de um bom redator e de um bom texto.” (KLÖCKNER, 2011, p.65). Anos depois, com a implantação dos departamentos de radiojornalismo nas emissoras brasileiras, as próprias

implantariam seus próprios manuais de redação, que para Zuculoto (2012, p.91), são em muito influenciados pelo manual do Repórter Esso.

A relevância do Repórter Esso para que o radiojornalismo brasileiro buscasse e consolidasse uma identidade própria é referida por Zuculoto (2012, p.88), que afirma que “é a partir dele que começam, inclusive a surgir regras de redação, apresentação e coleta de informações para as notícias radiofônicas. Ainda dentro desse período, ela cita (2012, p.93) como um dos marcos do radiojornalismo no país, o “Grande Jornal Falado Tupi”, que “começava com manchetes e transmitia as notícias em blocos que eram divididos por assuntos.” Nesta fase do radiojornalismo inaugurada pelo Repórter Esso, o que não mudou foi a questão do imediatismo já que na época não havia meios técnicos que permitissem a cobertura dos fatos em tempo real.

Como assinala Zuculoto (2012, p.84), o estilo de radiojornalismo implantado com o Repórter Esso perde sua hegemonia na década de 90, em que “destaca-se o desenvolvimento dos modelos 'all news' e 'talk and news', que muito mais baseados em transmissões ao vivo, começam a produzir modificações mais profundas no modo de construir a notícia.” (2012, p.31). A nova identidade do rádio brasileiro é resultado direto da disputa com a televisão pela preferência dos anunciantes e audiência. Amparadas pelos avanços tecnológicos, parte das emissoras passa a dedicar suas programações à execução de discos graças à “disseminação da possibilidade de veicular música gravada” (MEDITSCH, 2001, p.36). A dinamização do jornalismo vem na esteira desse processo, com a reportagem se consolidando já no final da década de 50 (ZUCULOTO, 2012, p.110), resultando em menos dependência das agências e outras fontes externas para a captação de informação e consequentemente em mais espaços para os conteúdos produzidos diretamente pelas redações das emissoras e suas equipes de reportagens responsáveis pelas externas.

O primeiro projeto de rádio com programação inteiramente voltada para a difusão de notícias foi inaugurado em 1992. Se tratava da Central Brasileira de Notícias, a CBN. Conforme Meditsch (2001, p.60), a emissora “não tocava música, não fazia transmissões esportivas, nem tinha programas do gênero magazine, era a 'rádio que toca notícia' dia e noite.” Em 2005, o pioneirismo em se tratando de

radiojornalismo 24 horas por dia veio com a criação da BandNews FM, a primeira cadeia de emissoras FM totalmente voltada à difusão de notícias.

Em meio a esse processo, as emissoras que lidam com a difusão de notícias vão investir numa maior especialização do fazer jornalístico e até mesmo elaborar seus próprios manuais de jornalismo, com as orientações que os seus profissionais devem seguir. A dimensão da importância desse campo de atuação para as organizações que o mantém é referida por Meditsch (p.88), que afirma que “a informação é a programação mais cara entre os formatos radiofônicos contemporâneos”, o que se evidencia com o crescimento dos espaços destinados à informação na frequência FM, em que o entretenimento se faz preponderante, apesar da maior parte das emissoras com programação predominantemente voltada para o jornalismo estar na AM.

3. Popularização das coberturas esportivas

Importante elemento da cultura e de grande importância social, a prática esportiva tem espaço privilegiado no âmbito midiático, inclusive com a existência de veículos exclusivamente especializados e voltados para a cobertura de esportes, segmentados para um público ávido por informações sobre seus atletas, clubes e esportes favoritos. Com o rádio não é diferente e apesar de não ser um negócio que movimente somas vultuosas de dinheiro como acontece com a televisão, há um público fiel que justifica os investimentos na cobertura esportiva. O que vai ao encontro do que é destacado por Antonio Alcoba López (2005, p.8) ao afirmar que “está comprobado que ninguna otra actividad genera un mayor volumen informativo que el deporte, com suficiente continuidade para mantener vibrante el interés de la mayor parte de la humanidad”. Visto por muitos como mero entretenimento, o trabalho feito hoje pelas emissoras alcançou um patamar de profissionalização que faz com que essa tarefa se traduza também em jornalismo tão sério e qualificado quanto o realizado pelos profissionais de outras editorias, muito por terem detectado que as coberturas esportivas também exigiam a disponibilidade de profissionais qualificados e especializados para lidar com o tema, assim como já era feito em outras editorias consideradas tradicionais, como economia e política.

...los responsables de la redacción se dieron cuenta de que el periodismo deportivo era más complejo de lo que los ellos habían pensado. Hasta esse momento, escribir sobre una competición era sencillo si unicamente se trataba de explicar a los clientes y receptores de los medios el resultado final com pinceladas subjetivas de cómo se había desarrollado el juego. Pero la información deportiva, al igual que sucedía em política, traspasaba esse limite y el periodista deportivo debía analizar el porqué del resultado, el juego de los deportistas y el trabajo del técnico, y eso complicaba la simple crónica o comentario de una competición. (ALCOBA LÓPEZ, 2005, p.66)

Sem a concorrência da televisão nas primeiras décadas de desenvolvimento da radiodifusão, o rádio foi veículo de grande importância na transmissão dos eventos esportivos em suas mais diversas modalidades, entre as quais, as mais populares eram o automobilismo, o turfe, o futebol e o boxe. Alcoba López refere que o “salto definitivo” do rádio esportivo aconteceu em meados da década de 20 nos Estados Unidos (2005, p.164), com a transmissão da luta entre Jack Dempsey e Gene Tunne, acompanhada por 15 milhões de ouvintes. Apesar de outros esportes terem apelo junto à audiência, no Brasil foi o futebol que impulsionou a

profissionalização das editorias esportivas como um todo e não apenas no rádio. Paulo Vinicius Coelho lembra (2004, p.8) que em 1910, já “havia páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulha*”. Na década de 30, as primeiras narrações esportivas dos jogos de futebol coincidem com a criação da primeira publicação voltada apenas para os esportes, o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro. No contexto dos impressos, Paulo Vinicius Coelho afirma (2004, p.9) que o século passado é marcado pelo preconceito existente em relação ao público-alvo de publicações esportivas, porque se partia do pressuposto de que apenas a parcela de menor poder aquisitivo teria interesse no assunto.

Os departamentos de esportes das emissoras de rádio começam a se estruturar profissionalmente antes mesmo dos departamentos de radiojornalismo. E à medida que o veículo ganha a simpatia dos ouvintes por levar até a eles a cobertura ao vivo dos jogos e competições, o esporte também passa a ser mais valorizado, como é referido por Soares (1994, p.38), que afirma que “a iniciativa da irradiação sistemática de futebol coincidiu com a profissionalização desse esporte no Brasil.” Para Alcoba López (2005, p.21) o profissionalismo também é “consecuencia de la creciente popularidad de la actividad y de los jugadores destacados, resultado del espectáculo producido.” Na esteira da popularização do esporte, os esportistas de atuação destacada alcançam a condição de ídolos e até de mitos, alavancados também pelo trabalho dos cronistas esportivos. Como aspecto negativo nesse contexto, Coelho avalia (2004, p.19) que “a maneira como os principais jornalistas esportivos de cada tempo se referem aos jogadores de cada época produz distorções difíceis de corrigir.” O que pode ser atribuído também aos espaços dedicados à opinião nas editorias esportivas, que tiveram grande peso em determinado estágio do seu desenvolvimento.

A emergência dos departamentos de esportes no rádio e consequente popularização acontece em torno das coberturas ao vivo dos eventos. No Brasil, o primeiro deles é uma partida de futebol entre as seleções de São Paulo e Paraná, transmitida pela Rádio Educadora Paulista em 1931 e narrada por Nicolau Tuma, lance por lance.

O árbitro Vírgilio Fredrighi apita e começa o espetáculo. A partir desse ponto, o *speaker* (na época não se usava a palavra locutor) passa a transmitir o movimento da bola entre os jogadores e a descrever todos os

lances da partida. Não há comentarista e nem repórter para ajudá-lo.
(SOARES, 1994, p.30)

Sem um espaço reservado, ele narra o jogo da arquibancada, o que evidencia uma das marcas do trabalho feito pelos profissionais de imprensa nos anos em que a atividade começa a dar seus primeiros passos: a improvisação. Edileuza Soares corrobora essa realidade ao afirmar (1994, p.34) que os primeiros anos de cobertura esportiva no rádio são marcados pelo imprevisto e falta de recursos técnicos. De acordo com Alcoba López (2005, p.40) “los obstáculos colocados a los pioneros de las transmisiones deportivas por radio se tuvieron que superar con el ingenio de los periodistas radiofónicos y los trucos que efectuaron para poder informar em directo de las competiciones”.

Em algumas dessas oportunidades em que a criatividade era empregada pelos profissionais pioneiros para vencer as limitações, surgiram inovações na maneira como eram feitas as coberturas de eventos esportivos. Em uma delas, Tuma, impedido de transmitir uma corrida automobilística do local do evento por causa da exclusividade dos direitos de transmissão já negociados com outra emissora, posicionou 12 observadores na pista, cada um deles responsável por informar as posições dos competidores ao narrador através de telefones instalados em pontos escolhidos por ele. Mesmo sem um narrador no local do evento, a transmissão consegue acompanhar “os carros como hoje fazem as câmeras de TV” (SOARES, p.35-36).

Com o tempo, os avanços tecnológicos e a profissionalização da cobertura esportiva fazem com que se tenha que recorrer cada vez menos à improvisação para vencer os obstáculos na transmissão das informações dos eventos esportivos aos ouvintes. No entanto, é algo que acontece com maior frequência pela falta de recursos em algumas emissoras que preferem economizar a mandar suas equipes para os jogos que ocorrem longe da sua área de atuação, mesmo aqueles disputados dentro do país. Com a possibilidade de fazer a transmissão de um jogo mantendo o locutor e comentaristas em um estúdio transmitindo aos ouvintes o que veem pela televisão, não é raro emissoras enviarem apenas um repórter para acompanhar de perto o que acontece dentro de campo. Milton Jung refere (2005, p.130) que a prática, conhecida como “narração *offtube*” surgiu em 1966 durante a

Copa do Mundo disputada na Inglaterra por não haver cabines suficientes para todas as emissoras. Ela ganha terreno no Brasil, mas por outro motivo, “a intenção de reduzir o custo das transmissões radiofônicas.” (JUNG, p.130). De fato, apesar do futebol movimentar enormes somas de dinheiro, a maior parte das verbas obtidas no âmbito do jornalismo esportivo está concentrada na televisão, seja através dos patrocinadores ou pelo lucro obtido com os canais pagos que transmitem os jogos. Há ainda de se salientar que as rádios não precisam pagar pelos direitos de transmissão para acompanhar os jogos nos estádios, o que permite que ao contrário do contexto televisivo, o ouvinte tenha várias opções para acompanhar as jornadas esportivas, o que certamente seria outra realidade caso as rádios tivessem que arcar com os custos envolvidos na aquisição de direitos de transmissão.

3.1. Profissionalização e novas funções nos quadros esportivos

Com a tarefa de relatar tudo o que acontecia durante os eventos esportivos, os narradores não apenas eram o centro das primeiras transmissões como também trabalhavam sem o apoio de outros profissionais. Segundo Soares (1994, p.53), “no começo do radiojornalismo esportivo, o locutor trabalhava sozinho no estádio. Ele mesmo levava e instalava os equipamentos.” O pioneiro Nicolau Tuma, além de narrar as partidas, também entrevistava os jogadores. Com o tempo, os comentaristas somaram-se aos narradores. Essas primeiras mudanças ocorreram no início da década de 30, quando:

...o locutor começou, no intervalo do primeiro para o segundo tempo, a passar o microfone para colegas da mídia impressa, com quem fazia rápidas entrevistas sobre o andamento da partida. Essas entrevistas evoluíram para uma apresentação de dados técnicos por um segundo locutor, que não comentava. (SOARES, 1994, p.53)

O crescente fluxo de informações gerado pelas competições esportivas faz com que a imprensa amplie os espaços dedicados aos esportes. A demanda pela especialização dos quadros profissionais das emissoras resulta em maiores investimentos na editoria. Na esteira desse desenvolvimento, a popularização das coberturas acelera o processo de profissionalização dos departamentos esportivos das emissoras, que também se multiplicam. Hoje, a programação esportiva ocupa boa parte da programação das emissoras de jornalismo, algumas delas de maneira

integral, como a Rádio Grenal em Porto Alegre, cujo site aponta ser ela “a única rádio que só fala de futebol”. Nos fins de semana, é comum emissoras dedicarem a quase integralidade da grade aos esportes, principalmente aos domingos, em que se concentram a maior parte dos jogos. Situação não muito diferente de outros países em que o futebol possui grande importância.

...la radio deportiva actual no es la radio de los domingos por la tarde, es la de los domingos enteros, la de los sábados casi también, y, por añadidura, martes y miércoles y aquellos días en los que haya fútbol, que rara es la semana en la que no se hace pleno. (SÁNCHEZ, 2013, p.10)

Claro que manter uma programação com espaços generosos para tratar de esporte e futebol não seria possível apenas com a cobertura ao vivo de partidas e competições. Nesse sentido, a maior parte do fluxo informativo gerado consiste em programas que repercutem os resultados dos jogos, situação dos times nos campeonatos que estão disputando, dia a dia dos clubes e profissionais envolvidos com o futebol, além de entrevistas. Esse conteúdo é transmitido por meio de programas com formato jornalístico, parte deles de caráter objetivo e predominantemente informativo, com um peso maior no relato dos repórteres e notícias trazidas pelos apresentadores, e parte deles voltados para os debates, em que as discussões entre os jornalistas e convidados são o principal ingrediente.

Não só o trabalho nas transmissões é dividido em tarefas, mas também o que se refere à rotina diária da cobertura esportiva. Elas são bem delimitadas no trabalho feito em campo no decorrer dos jogos, com as equipes divididas em profissionais de reportagem, narradores, comentaristas e responsáveis pelo plantão esportivo, funções que serão detalhadas adiante. Já para a rotina de produção diária de conteúdo, as divisões contemplam a ida dos repórteres aos estádios para acompanhar a rotina dos clubes; apresentação dos programas pelos profissionais mais experientes e/ou carismáticos; e debates, que inseridos no contexto de determinadas emissoras, são protagonizados por jornalistas com maior experiência na área, mas que em outras, são realizados também com a presença dos mais jovens, geralmente repórteres. Na Gaúcha, em que o tradicional programa diário de debates esportivos é o “Sala de Redação”, raramente há a participação dos profissionais menos experientes. A tendência é a presença dos veteranos, a maior parte deles comentaristas, além de um integrante que representa o Grêmio e outro,

o Internacional. No “Apito Final”, programa de debates de uma das emissoras concorrentes, a Bandeirantes AM, ocorre uma mescla maior entre os profissionais da casa, sejam eles mais ou menos experientes.

O investimento em profissionais especializados para a ocupação de funções estratégicas que permitam informar o leitor/ouvinte/espectador da maneira mais qualificada possível é um dos principais fatores de diferenciação entre o trabalho realizado por um veículo na disputa por audiência e anúncios com os seus concorrentes diretos, independentemente da plataforma já que a concorrência não é apenas direta mas indireta pelas diversas possibilidades de acesso à informação, que antes concentrada nos meios eletrônicos e impressos, agora também escoo para as plataformas digitais, acessíveis por computadores e aparelhos portáteis. É fundamental pontuar que em termos de evolução e adaptação às mudanças trazidas pelos avanços tecnológicos e novos desafios, os meios até então estabelecidos são obrigados a rever suas posições. É paradigmático o advento da televisão, que chega e faz o rádio perder “artistas, profissionais e poder de influência com a transferência de verbas publicitárias.” (JUNG, 2004, p.37), o que pressiona as emissoras a mudarem suas programações e estratégias de produção e difusão de conteúdo para não deixar o veículo se tornar dispensável e obsoleto.

Com o advento do novo veículo, a especialização das emissoras e profissionais se faz inevitável através da segmentação do conteúdo produzido, com parte delas concentrando seus esforços na programação informativa. A nova fase do veículo ganha fôlego com os avanços tecnológicos que permitem novas formas de produção de conteúdo, o que é referido por Zuculoto (2012, p.101) ao demarcar a década de 60 como “a época em que se reduziram peso e volume de equipamentos técnicos utilizados na produção, gravação e transmissão”, afirmando ainda que esses avanços possibilitaram a execução de “reportagens de rua, entrevistas fora do estúdio e ao vivo”. Também vale ressaltar o avanço tecnológico que permite reduzir o tamanho dos aparelhos de rádio – o que lhe dá uma vantagem considerável em relação à televisão – já que pode a partir daí ser levado para qualquer lugar, dando ao ouvinte a comodidade de acesso fácil ao entretenimento e à informação, além de tornar o veículo muito mais barato e acessível.

Conforme referido por Meditsch (2001, p.31), “o rádio generalista, que prestava todo o tipo de serviço aos ouvintes cedeu terreno às emissoras

especializadas.” Fato também apontado por Zuculoto (2012, p.100), que afirma que foi o período em que “para enfrentar a concorrência da televisão, o rádio partiu para a especialização das emissoras”. A busca por e preparação de profissionais com maior conhecimento em determinadas áreas é consequência inevitável nesse processo, em que por parte das emissoras, “a maior parte delas privilegia a especialização como forma de dominar as fontes e assuntos, embora num nível aquém do desejado por falta de estrutura”. (MEDITSCH, 2001, p.108). O desafio nesse sentido é também dar condições para que esses profissionais possam se especializar em determinado assunto quando muitas vezes as tarefas delegadas aos repórteres em processo de aprendizagem acabam incentivando o contrário, uma formação generalista e sem possibilidades de aprofundamento em determinada função.

Apesar do fazer jornalístico buscar cumprir o mesmo objetivo independentemente do tema, plataforma ou qualquer outra variável dentro do campo de atuação desses profissionais, há especificidades que acompanham a informação desde a sua apuração até a apresentação das mesmas. Meditsch cita (2001, p.109) nessa linha de raciocínio, a maneira como os jornalistas lidam com as fontes, afirmando que se por um lado a maior especialização pode resultar em indesejável intimidade no contato com elas, por outro a falta dela pode redundar em maior margem de manipulação do profissional de imprensa por parte dessas fontes. Mesmo com os aspectos negativos citados pelo autor, a realidade é que não se faz jornalismo especializado e qualificado sem especialistas.

Es obvio decir que ese periodismo se realiza con periodistas especializados. Pero esa situacion es muy similar ya en los periódicos de información general, pues, los géneros específicos em ellos tratados, no están en manos de periodistas polivalentes, sino em periodistas conocedores de esa temática. (ALCOBA LÓPEZ, 1988, p.116)

Apesar da existência de muitos cursos de jornalismo no Brasil, profissionais desse porte representam ainda uma pequena parcela do total de jornalistas formados. Resultado de uma formação que prepara os futuros jornalistas para o domínio técnico das linguagens de diferentes meios, mas que não contempla com a mesma intensidade e qualidade a especialização deles para que tenham acesso a conteúdo aprofundado para o domínio dos temas sempre presentes nas páginas dos impressos, plataformas digitais e programas de rádio e televisão.

Uma das consequências dessa distorção é que a aquisição do conhecimento necessário para que tenham condições de atuar como especialistas acaba se dando com a experiência do dia a dia nas redações, quando têm a oportunidade de dar sequência a uma rotina que permita aprofundamento. Como Coelho constata (p.45), é com o tempo de redação que o jornalista vai se especializar, e exemplifica isso afirmando que “os grandes colunistas da imprensa política e econômica atingem grau de maturidade suficiente para se tornarem colunistas após anos de reportagem nas ruas.”

No que se refere às editoriais esportivas, a experiência e interesse dos profissionais pelos esportes, antes mesmo de pensarem em seguir a profissão, acaba se tornando fator determinante para que haja disponibilidade de jornalistas aptos a compor inicialmente as equipes de reportagem dos veículos. Para Coelho (2004, p.40), os futuros jornalistas esportivos podem até mesmo iniciar suas formações “ao comprar uma publicação sobre esportes”. É muito através desse interesse anterior ao exercício profissional que nomes do campo esportivo ajudaram a desenvolver o radiojornalismo esportivo no Brasil. É o caso de Nicolau Tuma, que aos 20 anos e não tendo em quem se espelhar na ocasião em que inaugurou a prática da locução dos jogos lance por lance, tinha apenas o conhecimento das regras do futebol e o conhecimento adquirido por acompanhar o esporte desde garoto, através do “noticiário do serviço de informações de jogos de futebol, no Vale do Anhangabaú.” (SOARES, 1994, p.29). O que remete à conclusão de que não basta o fazer jornalístico, o conhecimento relativo à atuação profissional ou diploma de jornalista para se obter credenciamento como bom profissional da área.

O principal mecanismo é o conhecimento, que se adquire em bom curso de graduação em qualquer área. O bom advogado pode ser bom jornalista. O bom profissional formado em Ciências Sociais será capaz de decifrar os mecanismos que servem para construir uma boa matéria. (COELHO, 2004, p.41)

Dentro do contexto de ampliação da demanda por profissionais para atuar no radiojornalismo esportivo brasileiro, pode-se destacar a emergência de mais emissoras interessadas em cobrir esportes, com a concorrência entre elas alavancada pela regulamentação dos espaços dedicados à publicidade no rádio durante a década de 30, além da popularização crescente do futebol. Segundo Soares (1994, p.41), em 1937, só em São Paulo havia “o total de dez estações”, o que segundo ela, ampliou “o mercado de trabalho para os locutores e comentaristas

de esportes”.

A tentativa pioneira de especialização e segmentação, com a concretização de uma emissora dedicada apenas às coberturas esportivas se deu na década seguinte, com o surgimento da rádio Panamericana, “a primeira emissora brasileira a se especializar com perfeição na transmissão esportiva.” (SOARES, 1994, p.45). Logo após a formação do primeiro departamento esportivo do rádio brasileiro, o trabalho ali desenvolvido evoluiu com a formatação da equipe de profissionais responsáveis por acompanhar as partidas ficando bem próxima da atual, com um profissional para fazer as aberturas das transmissões, o narrador, repórteres de campo, comentaristas, plantão esportivo e um observador de arbitragem. “Estava criada a infra-estrutura para se fazer uma jornada esportiva, ainda hoje composta por um plantão esportivo, narração do jogo, reportagem de campo e de vestiário e comentários.” (SOARES, 1994, p.47).

Vale ressaltar que apesar dessa evolução, nesse período “a reportagem ainda se aproxima da crônica, em um relato permeado de opiniões”, segundo Ferraretto (2000, p.144), que afirma ainda que “a cobertura dos acontecimentos esportivos com setoristas dos principais clubes vai ganhar objetividade” vários anos depois, na década de 70. Reflexo disso é a ampliação do número de programas mais voltados à informação e difusão de notícias em relação aos espaços de opinião, que hoje são bem menores.

Conforme a evolução do radiojornalismo esportivo e a emergência de tarefas que respondam às novas demandas geradas diante dos desafios de atender as expectativas da audiência, a estrutura dos departamentos segue agregando funções, que implicam o desafio de saber coordená-las, o que é evidenciado por Alberto Sánchez, segundo o qual:

La retransmisión futbolística radiofónica ha evolucionado tanto que se ha pasado de necesitar sólo a un relator y quizá un acompañante en lo publicitario a incorporar los comentaristas, el reportero a pie de campo, el encargado de las estadísticas, el especialista arbitral, el animador del programa y su conductor y en algún caso hasta con los humoristas. Es la suma de muchos profesionales y poco tiempo para hablar lo que hace de la coordinación el punto esencial para que todo funcione a un ritmo adecuado. (SÁNCHEZ, 2013, p.132)

Mesmo com as novas funções agregadas à rotina das jornadas esportivas, o narrador segue sendo o centro das transmissões e é ele o responsável por levar aos ouvintes todos os lances que acontecem dentro de campo. Sobre o narrador,

Sànches afirma que (2013, p.132), “el peso absoluto del juego es suyo, ya que es el responsable de relatar al oyente lo que está pasando.” Ao contrário das transmissões feitas pela televisão em que o ritmo é mais cadenciado, a narração feita pelo rádio exige muito mais desse profissional, que além de conduzir as transmissões em um ritmo bastante veloz e dinâmico, proferindo um número elevado de palavras em curto espaço de tempo – que aumenta conforme o nível de importância das ações dentro de campo junto à elevação do tom de voz – também emprega bastante emoção às informações levadas aos ouvintes.

Soares (1994, p.61) classifica a irradiação esportiva em duas categorias: as escolas denotativa e a conotativa. Enquanto a primeira diz respeito aos narradores preocupados apenas com a descrição objetiva do que acontece em campo, sem agregar outros significados aos objetos descritos ao buscar “dar ao ouvinte a imagem da partida”, a segunda se trata da escola de narradores que agregam outros significados a esses mesmos objetos.

Além de levar aos ouvintes o relato detalhado dos acontecimentos da partida, cabe ao narrador também como um maestro, conduzir as ações dos outros profissionais durante os jogos, pedindo a intervenção do plantão, repórteres e comentaristas nos momentos apropriados da transmissão. O trabalho dos narradores é realizado nas cabines de imprensa dos estádios e no caso de várias emissoras, nos estúdios das próprias rádios, quando ele acompanha os jogos pela televisão.

Como Sànches refere (2013, p132), a participação do narrador nas transmissões é a de maior peso e importância, portanto, em relação aos profissionais que ocupam outras funções, “cada profesional que forma parte de una retransmisión ha de ser breve y directo en su exposición” Entre eles, estão os comentaristas, responsáveis pela análise crítica da atuação dos jogadores, técnicos, árbitros e até mesmo torcedores. Esses profissionais são dotados de maior experiência – adquirida com vários anos de trabalho na área – até mesmo em relação aos narradores, cuja prática muitas vezes não requer tempo de atuação no jornalismo esportivo, e sim habilidade para levar ao ouvinte o panorama do jogo, dando a ele condições de visualizar as ações que acontecem em campo.

Lidar com a opinião e julgar as ações dos envolvidos nas partidas também requer distanciamento, posição de neutralidade. Muito pelo fato de futebol lidar com a paixão das torcidas pelos clubes, o comentarista – mesmo que assuma torcer por

algum time -, não pode se comportar como um torcedor, deixar-se influenciar por essa inclinação ao emitir opiniões.

Suas participações ocorrem antes do início das jornadas, com a avaliação do momento dos times, situação do campeonato; durante as mesmas, em momentos oportunos da partida, geralmente nos minutos em que o jogo fica parado, com a abordagem crítica do jogo, dando ao ouvinte condições de saber sobre o desempenho das equipes em suas individualidades e coletividades, decisões dos técnicos, se acertadas ou não, etc; no intervalo, em que suas exposições são maiores, com a análise crítica do contexto do jogo, sugestões de mudanças de postura para as equipes para o restante da partida; e ao final dos jogos e nos programas pós-jornada, em que fazem a avaliação geral e conclusiva dos fatos. Assim como os narradores, os comentaristas trabalham nas cabines de imprensa dos estádios, e sua atuação também pode ocorrer nos estúdios nas transmissões “*offtube*”.

Em campo, a responsabilidade pelas informações é dos repórteres. O número de profissionais dessa categoria distribuídos nos estádios para a transmissão das partidas varia de acordo com cada veículo e seu potencial de investimentos. Geralmente há dois deles em campo, um em cada extremidade, posicionados atrás das goleiras para o relato de informações mais detalhadas sobre lances que o narrador não tem acesso no instante dos acontecimentos dentro do gramado. É comum esses repórteres funcionarem como uma espécie de *replay* das jogadas depois que o locutor esportivo narrou o lance.

Os programas de abertura das jornadas esportivas contam com considerável volume informativo gerado por esses profissionais, que coletam essas informações ao longo da semana, contextualizando o ouvinte sobre o que aconteceu nos treinamentos, quais formações devem ir a campo, desfalques, como a rotina dos profissionais, acompanhada por eles no período anterior aos jogos pode refletir no decorrer deles. Fora isso, há ainda as entrevistas feitas antes, no intervalo e após os jogos, na beira do gramado e nas coletivas concedidas por dirigentes, técnicos e jogadores. Algumas emissoras costumam mandar a campo também os repórteres de arquibancada, que entrevistam os torcedores, perguntam sobre as expectativas para os jogos e pedem opiniões sobre o desempenho dos times em campo, dando espaço pra que o torcedor também se manifeste.

Outro profissional fundamental na composição dos quadros esportivos é o plantão esportivo, cuja tarefa é lidar com dados estatísticos sobre os campeonatos, times, jogadores, e tudo que envolve uma partida, como recordes de público, bilheteria, entre outras informações, em suma “analiza todos los números del partido y extrae una relación de causas, consecuencias y antecedentes a partir de un ordenador que se lo indica.” (SÀNCHEZ, 2013, p.139). Ao contrário do restante da equipe, sua atuação não se dá nos estádios e sim nos estúdios das emissoras, onde tem acesso também aos arquivos utilizados para recuperar informações históricas que permitem ao ouvinte ter noção por exemplo, antes de uma partida envolvendo Grêmio e Palmeiras, quantas vezes o clube gaúcho venceu os paulistas jogando pelo Brasileirão no Olímpico, quantos gols foram feitos nessas partidas, qual a média, fatos curiosos do confronto, desempenho do tricolor contra clubes de São Paulo ao longo do ano.

As possibilidades de uso e colocação dessas informações em perspectiva são muitas e contribuem significativamente para a qualificação do conteúdo gerado. Também cabe a eles contextualizar o momento de cada time nos campeonatos, número de vitórias, empates, derrotas, pontos obtidos até então, resultados paralelos que podem prejudicar ou beneficiar determinada equipe nas competições, sempre com a atualização dessas diversas situações de acordo com os acontecimentos de outros jogos, cujos resultados parciais e finais também são informados pelo plantão ao longo das jornadas. É comum o narrador acionar o plantão durante a partida sempre com o objetivo de reforçar as informações já obtidas pelo ouvinte que estava ouvindo a jornada desde o início e informar aquele que perdeu parte dela, geralmente com perguntas sobre o resultado da partida narrada e o que ele representa para os times em campo.

Durante as jornadas, o plantão vai atualizando os resultados paralelos enquanto acompanha as outras partidas dos campeonatos em que estão envolvidas as equipes cujos jogos estão sendo narrados, além de outras competições – locais e internacionais conforme o interesse da audiência – e até mesmo outros esportes. Nesse sentido é recorrente o plantão intervir nas transmissões para noticiar os gols de determinada equipe à medida que acontecem, início/término de partidas, lesões de atletas e outros fatos que sejam relevantes no contexto dos jogos, como incidentes extracampo, tais quais brigas de torcidas.

Essa vem sendo no geral a formação das equipes esportivas das emissoras de rádio brasileiras. São profissionais que garantem a partir do cumprimento de tarefas específicas dentro do contexto de transmissão, que o ouvinte terá acesso a repertório amplo de informações das partidas. Mas será que é o repertório completo? Ou existem outras funções e tarefas que poderiam ser agregadas a essa composição?

4. O analista de arbitragem como especialista

Em campo, jogadores e técnicos são os protagonistas das partidas, responsáveis por garantir a vitória de suas equipes e conseqüentemente atender aos anseios dos seus torcedores, além de promover espetáculos à parte para justificar as coberturas no rádio e na televisão. Nesse contexto, a arbitragem entra como um elemento que deve contribuir para o bom andamento dos jogos, sem favorecer nenhum dos times em campo, tomando decisões acertadas sem deixar que atos desleais ou violentos sejam cometidos pelos jogadores.

Apesar de serem figuras cujas atribuições pressupõem neutralidade, os árbitros e bandeirinhas são passíveis de erro, portanto, podem interferir no contexto de uma partida, beneficiando uma equipe ou jogador em detrimento do adversário, podendo se tornar conseqüentemente, personagens decisivos dentro do resultado dos jogos e até mesmo de um campeonato ou torneio, em termos de classificação dos times na tabela ou avanços de fase em campeonatos eliminatórios.

Durante muito tempo, avaliar a atuação dos árbitros – mesmo sendo parte fundamental das partidas – teve importância menor nas coberturas esportivas. Ainda são na verdade muitas emissoras de rádio e de televisão que não contam com um profissional especialmente designado para cumprir essa tarefa. Várias delas delegam a tarefa a comentaristas não especializados no assunto, aqueles que detêm conhecimento generalista de futebol e que mesmo tendo acesso ao recurso eletrônico para rever e comentar com maior precisão os lances duvidosos, não possuem conhecimento aprofundado das regras para comentarem com total segurança. Não que os especialistas também estejam livres de erros, mas a chance de cometerem um ato falho ao comentarem é muito menor, o que é de interesse das emissoras, até pelo fator credibilidade. Uma das conseqüências de se culpar o árbitro por um erro que ele não cometeu, é a de induzir o torcedor do time prejudicado, que é passional e vai passar a culpar aquele árbitro por ter errado contra o seu time.

Atentos também a esse aspecto, como aos outros implicados nesse contexto, os veículos passam a contratar profissionais para cumprir a tarefa e gradativamente esses vêm ocupando um espaço cada vez maior no âmbito midiático. Quem acompanha os jogos de futebol pela televisão, está habituado há algum tempo com

o trabalho dos árbitros contratados pelas emissoras para comentar sobre arbitragem. O primeiro profissional a adquirir grande notoriedade comentando as atuações das arbitragens e aplicação das regras foi Arnaldo Cezar Coelho, ex-árbitro de futebol que começou a atuar em 1990 na Globo, durante na Copa do Mundo da Itália, tendo começado no programa da mesma emissora, o “Esporte Espetacular”, onde tinha um espaço reservado para a explicação das regras de maneira didática (COELHO, 2002, p.103). Hoje, a emissora investe pesado nas coberturas esportivas e conta não só com ele mas com toda uma equipe de ex-árbitros para comentar as transmissões. Além de Arnaldo, comentam atualmente Marcio Rezende, Paulo Cesar de Oliveira, Renato Marsiglia, Márcio Chagas e Leonardo Gaciba. Levando em conta que são várias partidas em uma mesma rodada de campeonato, a emissora conta com vários profissionais para comentar partidas simultâneas, inclusive nos canais da televisão a cabo ligados à Globo. O investimento também se justifica em relação a outras emissoras pelo fato dela deter os direitos de transmissão dos principais campeonatos, enquanto das outras, apenas a Bandeirantes na televisão aberta transmite os jogos e mesmo assim com muitas limitações por não deter os direitos que a maior concorrente possui.

Na televisão, nitidamente o critério para contratação dos profissionais se dá em grande peso pela notoriedade adquirida por eles em suas atuações anteriores como árbitros, sobre os quais existe um consenso de terem feito bem seus trabalhos dentro de campo e que conseqüentemente essa credibilidade anterior lhe dá crédito junto ao espectador para comentar e criticar as atuações de quem ocupa aquela função que os projetara à condição de analistas. O que não é errado, já que nesse caso temos profissionais que dominam um assunto que exige conhecimento especializado, além de terem a experiência prática reconhecida na área. O que se pode questionar, e isso será desenvolvido adiante, é o fato de não dominarem os recursos empregados pelos jornalistas para a produção e emissão de conteúdo.

Mas se foi na televisão que os comentaristas de arbitragem adquiriram maior visibilidade e importância, com o trabalho de Arnaldo Cezar Coelho, em termos de radiojornalismo esportivo, Soares aponta (SOARES, 1994, p.46) que já na composição da primeira equipe efetivamente especializada em esportes, havia um “juiz do juiz”. O profissional referido era Flávio Lazetti, criador da Escola de Árbitros da Federação Paulista de Futebol e integrante desta equipe formada em meados da

década de 40 pela rádio Panamericana. Anos depois, na década de 60, foi a vez da Rádio Globo do Rio de Janeiro contratar o ex-árbitro Mário Vianna, que seguiria como analista de arbitragem da emissora por mais de vinte anos, conhecido pelo bordão “gol legal”, proferido nos lances em que não havia irregularidades na validação dos gols. Eram os primeiros passos do exercício da função no radiojornalismo esportivo brasileiro.

Se o narrador se detém em relatar todos lances em campo e os repórteres têm como foco a ampliação dessas informações, enquanto o plantão cuida dos dados estatísticos e o comentarista é responsável pela avaliação crítica do desempenho dos times, o analista de arbitragem também possui função específica, e a dele não deixa de ser se deter em um aspecto específico dos jogos: as regras e a correta aplicação delas em campo pelos componentes da equipe de arbitragem. Ou seja, o trabalho desses profissionais é o escopo das suas análises. Seu objeto é o trabalho do árbitro e dos assistentes, enquanto narrador, repórteres e comentaristas lidam com o contexto de uma partida em seu sentido amplo. Claro que o escopo do trabalho dos analistas de arbitragem acaba se expandindo naturalmente ao passo que também avaliam o comportamento dos jogadores e técnicos, assim como eventuais abusos dos torcedores e outros envolvidos nos jogos, como os gandulas e colegas de profissão.

4.1 Arbitragem e regras no futebol

Como já referido, o árbitro não é figura que seja alvo de idolatria ou admiração pelos torcedores. Eduardo Galeano chega a afirmar (2004, p.17) que é a “única unanimidade do futebol: todos o odeiam. É vaiado sempre, jamais aplaudido.” Nem por isso seu trabalho deixa de ser fundamental. Até que fosse instituída no futebol a figura do árbitro, eram os jogadores que decidiam sobre as faltas cometidas. Segundo Galeano (2004, p.33) e Arnaldo Cezar Coelho (2002, p.137), as regras a serem seguidas pelos praticantes do esporte foram instituídas em 1863, em um acordo entre clubes ingleses que assumiram as mesmas que foram criadas em 1846 pela Universidade de Cambridge.

Composto de 14 regras, o texto foi baseado nas *Regras de Thring*, código publicado em 1862, em Cambridge, que também era conhecido como “*The*

Simplest Play”, ou seja “o jogo mais simples”. Naquele momento nascia o futebol moderno. (COELHO, 2002, p.137)

Segundo Arnaldo Cezar Coelho (2002, p.138-139), a figura do árbitro entra em cena em 1868, mas as regras do futebol passam a se referir a ele em 1881, quando passa “a ter mais atribuições, pois até então se limitavam a se pronunciar mediante a reclamação de uma das equipes.” Cinco anos depois, a competência sobre as regras, propostas e implementação de mudanças envolvendo-as passa a ser da *International Football Association Board*. Foi nesse período, que se atribuíram novas incumbências aos árbitros (COELHO, 2002, p.179) e “não apenas a responsabilidade de aplicar leis que regem o futebol, mas também outras 17 atribuições”. Hoje, são 17 as regras oficiais e elas tratam dos aspectos referentes às dimensões do campo, número de jogadores, equipamento de jogo, equipe de arbitragem, duração das partidas, entre outros.

De acordo com as regras, a equipe de arbitragem conta com quatro componentes: o árbitro, seus dois assistentes – também conhecidos como bandeirinhas – e um árbitro reserva, que substitui qualquer um deles caso isso seja necessário, além de auxiliar o restante da equipe durante os jogos. No contexto do futebol brasileiro, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) instituiu recentemente nos jogos do Brasileirão, a utilização de dois árbitros auxiliares atrás das goleiras para ajudar nos lances que ocorrem na grande área. O árbitro é o único a quem é permitido ingressar no campo e seu dever é acompanhar sempre de perto os lances, aplicando as regras quando necessário. O controle do jogo é responsabilidade dele, a quem cabe interromper os jogos com o sopro do apito para marcar as irregularidades nos lances, advertir os jogadores e equipes com avisos e distribuição de advertências através dos cartões amarelo e vermelho, podendo também expulsar de campo os atletas, entre outras atribuições. Já os assistentes, atuam nas laterais do campo, indicando:

...se a bola ultrapassou em sua totalidade, os limites de campo de jogo; a que equipe corresponde cobrar escanteios, tiros de meta ou arremessos laterais; quando se deve punir um atleta por estar em posição de impedimento; quando se solicita uma substituição e quando ocorre alguma falta ou outro incidente fora do campo visual do árbitro. (COELHO, 2002, p.183)

Ainda dentro do que está previsto nas regras é importante destacar a irreversibilidade das decisões do árbitro, a menos que o mesmo chegue à conclusão de que seu julgamento em relação a elas foi equivocado e reverta a decisão em seguida dentro da partida, o que costuma acontecer através da intervenção dos assistentes, quando sinalizam ao árbitro principal algo que ele não tenha visto. Por isso mesmo que depois do jogo eventuais erros da arbitragem que tenham influenciado a partida e prejudicado uma das equipes fiquem comprovados através do recurso eletrônico, isso não terá efeito prático para anular esse resultado.

4.2 Cenário da análise de arbitragem no Rio Grande do Sul

Em Porto Alegre, em um fenômeno recente, diversos jornalistas se formaram em arbitragem, um marco na história do radiojornalismo esportivo gaúcho e brasileiro. Iniciou com Ernani Campelo e Henrique Marques, que fizeram o curso de formação para árbitros da Federação Gaúcha de Futebol, em 2006. Em seguida, diversos outros tomaram o mesmo caminho e hoje três das quatro principais emissoras dedicadas à realização de coberturas esportivas contam com um profissional designado para o exercício dessa função.

Só na última década, cinco profissionais do radiojornalismo gaúcho formaram-se árbitros para comentar arbitragem nas emissoras de rádio de Porto Alegre: Henrique Marques (Gaúcha), Ernani Campelo (Guaíba), Francisco Garcia (Gaúcha e Bandeirantes), Alex Bagé (Guaíba e Rádio Grenal) e Diori Vasconcelos (Gaúcha). Se no contexto geral do radiojornalismo esportivo brasileiro não se verificam os mesmos esforços por parte de veículos e profissionais no sentido de se oferecer aos ouvintes essa informação mais apurada sobre as regras, percebe-se que nos últimos anos na Capital do Rio Grande do Sul, se tem mantido como padrão as emissoras contarem com comentaristas especializados no tema. Hoje, apenas a Guaíba não tem em seu quadro esportivo um comentarista de arbitragem.

O que se percebe nesse sentido é uma regularidade, uma manutenção constante de pessoas com competências e habilidades reconhecidas para ocupar uma função que de certa forma se faz imprescindível na cobertura esportiva. Mas e há alguns anos? Não se cobria esportes sem esse profissional? Não se faz isso de uma maneira geral em todo o resto do país? Pode-se com certeza realizar uma

jornada de qualidade e levar ampla gama de informações à audiência sem um profissional ou outro. Nesse sentido, pode-se até recorrer ao passado e lembrar que os jogos eram transmitidos por poucos profissionais, como nos primórdios do radiojornalismo esportivo que tinha nas transmissões apenas o narrador, sem comentaristas, repórteres e plantão esportivo. Mas e as demandas? Eram as mesmas que existem hoje?

Certamente não. Com a televisão se especializando em uma escala de evolução constante para oferecer aos espectadores, transmissões dos eventos com uma qualidade de imagem cada vez mais superior, permitindo uma experiência que chega a colocá-los em vantagem até mesmo em relação ao torcedor que vai ao estádio, com recursos tecnológicos não menos sofisticados e câmeras bem posicionadas para captar uma infinidade de ângulos dos acontecimentos em campo, resta ao rádio qualificar seus quadros profissionais e contar com especialistas nas cabines do estádios e em porções estratégicas do campo, pois em termos de tecnologia a competição com a televisão é ingrata.

O rádio não tem muito mais o que avançar nesse aspecto. Pode oferecer uma qualidade superior de áudio talvez, ampliar as formas como as pessoas podem acessar seu conteúdo através de aplicativos para plataformas móveis, mas como comparar essa experiência com as imagens cada vez mais invasivas e superiores da televisão que objetivam colocar o espectador dentro do campo? E da forma como tem ocorrido esses avanços, não é improvável que é questão de tempo até que as pessoas se sintam dentro do estádio através da experiência televisiva.

Não restam dúvidas, portanto, sobre o peso que têm os profissionais nas transmissões de rádio e a relevância das competências que possuem para cumprir tarefas específicas que dentro de um contexto de articulação de esforços individuais acabam representando a garantia de que o produto final que chega ao ouvinte é qualificado, possui diferenciais na comparação com o oferecido pela concorrência e é conseqüentemente capaz de assegurar a audiência que tem o hábito de ouvir a emissora e conquistar novos ouvintes, que é o objetivo de toda empresa jornalística: ser sempre a primeira na preferência do público. E partindo do pressuposto que essa é sim uma audiência exigente, que quer ter acesso a conteúdo qualificado e mais que isso, se identifica com os profissionais que trabalham nas transmissões, não se pode abrir mão de improvisos ou deixar lacunas na composição dos quadros

esportivos, a menos que o objetivo não seja o de competir com as empresas concorrentes pela preferência da audiência.

Com a constatação dessa regularidade referida de inserção e manutenção da função nos quadros profissionais das rádios em Porto Alegre, o presente trabalho parte para o estudo de como a atividade é desenvolvida nas rádios Gaúcha (AM 600 e FM 93,7) e Bandeirantes (AM 640), a partir de entrevistas com os comentaristas de arbitragem dessas emissoras. O objetivo é compreender de que maneira esses profissionais contribuem com o repertório informativo gerado nas jornadas esportivas e encontrar a partir das informações levantadas, evidências que apontem se a função se trata de um novo patamar dentro da escala de evolução do trabalho dos departamentos esportivos, identificando a implementação de processos de trabalho dentro do exercício dessas atividades bem como diferenciais que justificam o investimento em jornalistas, ou melhor, na especialização deles, para que se possa dar conta da parcela do repertório informativo que antes era relegado a um plano menor.

4.3 Os comentários de arbitragem nas ondas da Gaúcha e da Bandeirantes

A escolha da Gaúcha e Bandeirantes, como seus profissionais de arbitragem se justifica pelo aspecto regularidade. A Gaúcha investe sistematicamente há quase duas décadas na contratação de profissionais para comentar arbitragem, processo iniciado com o ex-árbitro Renato Marsiglia em 1994. Mas além disso, a emissora incentiva e investe há quase uma década na profissionalização dos jornalistas existentes nos quadros esportivos para o desempenho da função. Apenas no período mais recente, a emissora ficou entre meados de 2011 e início de 2013 sem um especialista na área, que foi no período imediatamente posterior à saída do ex-árbitro Leonardo Gaciba, que foi contratado pela Sportv (pertencente à Globo). Depois desse período, Diori preenche a lacuna e é atualmente quem faz os comentários de arbitragem pela rádio. Pelo mesmo critério da regularidade, a escolha da Bandeirantes, que em outubro de 2010, contratou o então comentarista de arbitragem da Gaúcha, Chico Garcia. Além dos mais de quatro anos em que a

empresa conta com um profissional atuando na função, pesa ainda o fato dele exercê-la desde 2007, o que reflete uma trajetória sólida na área.

Essa etapa da pesquisa se desenvolve predominantemente através das informações obtidas com as entrevistas realizadas com Diori e Chico Garcia, que consistem na coleta direta de dados com os próprios profissionais, a partir de questionamentos que buscarão respostas para dúvidas pertinentes à proposta de definir o que é ser analista de arbitragem, como ele desempenha essa função e se representa de fato um novo patamar de especialização no radiojornalismo esportivo. Nessa etapa serão apresentados os perfis, um resumo das trajetórias de Diori Vasconcelos e Chico Garcia no jornalismo. Em seguida, ainda dentro daquilo coletado através das entrevistas, serão identificados e apresentados os processos de trabalho dos comentaristas. Ainda dentro dessa proposta, gravei algumas participações dos analistas durante jornadas esportivas do Campeonato Brasileiro envolvendo a dupla Gre-Nal. Esses dados serão apresentados brevemente como meio de ilustrar como funcionam essas participações.

4.3.1 Da LBV à Bandeirantes: a trajetória de Chico Garcia no jornalismo geral e esportivo

Com ingresso em 2001 no curso de jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Chico Garcia começou a atuar profissionalmente na área já naquele ano, na rádio da Legião da Boa Vontade (LBV), a RGS 1300 AM. No mesmo ano, também realizou o curso de locução da Fundação Educacional Padre Landell de Moura (FEPLAM na época, hoje OSCIP) para obtenção do registro profissional de radialista. Segundo ele, a rádio de caráter ecumênico e programação predominantemente religiosa contava com espaço para a cobertura esportiva, sendo (informação verbal¹) “uma das cinco rádios que cobriam a dupla Gre-Nal nos jogos no Olímpico e no Beira Rio.” O trabalho de Chico Garcia consistia inicialmente na produção do programa diário de esportes “Momento Esportivo”, se expandindo em seguida para a reportagem de torcida nas jornadas esportivas e a tarefa de setorista diário, com a cobertura da rotina da dupla Gre-Nal e participação das coletivas de

¹Entrevista concedida por Chico Garcia a Vicente Carvalho no dia 17 de setembro de 2014

imprensa, divididas com profissionais de trajetória reconhecida no jornalismo. A passagem dele pela LBV teve duração de um ano.

Quando voltou a trabalhar em rádio, já em 2004, teve a oportunidade de adquirir experiência profissional no jornalismo geral do Grupo RBS, passando pelas rádios CBN e pela Gaúcha. Em 2007, quando produzia e apresentava o “Gaúcha Hoje” e realizava reportagens para o “Chamada Geral” e “Correspondente Ipiranga”, recebeu a proposta de voltar a trabalhar com esportes, com o desafio de substituir Henrique Marques, analista de arbitragem que estava de saída da emissora. Na época ele já era chamado para cobrir as ausências de profissionais do departamento de esportes e realizar reportagens para a editoria por já ter experiência na área.

O Cléber Grabauska, então coordenador de esportes na época, perguntou se eu queria fazer o curso na federação pra me tornar o comentarista de arbitragem das jornadas, aí eu teria que sair do que eu fazia lá, que era o jornalismo geral. [...] Eu topei na hora. Primeiro porque eu queria trabalhar com esporte, e segundo porque eu vi ali uma oportunidade bacana de ampliar o meu horizonte de informação. (informação verbal)

Tendo aceito o desafio, Chico Garcia fez o curso de formação de árbitros da Federação Gaúcha de Futebol (FGF) sem nenhum custo, até pela parceria que a Gaúcha conseguiu firmar com a entidade. Ele se formou em quatro meses, mas já participando das jornadas esportivas como analista de arbitragem no decorrer da formação (informação verbal). “No início eu só tirava dúvidas, assim, se foi ou não foi pênalti, se tava ou não tava impedido e à medida que o curso foi avançando eu pude tirar dúvidas sobre as regras.”

Depois de três anos trabalhando como comentarista de arbitragem na Gaúcha, Chico Garcia transferiu-se para o grupo Bandeirantes de Comunicação do Rio Grande do Sul, onde teve grande crescimento profissional, exercendo diversas outras funções além de comentar arbitragem. Atualmente é o Coordenador de Esportes da empresa, onde realiza matérias para veiculação a nível regional e nacional para a televisão, assim como também participa do principal programa de esportes do veículo, o Jogo Aberto e cumpre uma série de outras atividades, como a responsabilidade do gerenciamento das escalas de trabalho dos repórteres.

4.3.2 Do jornalismo geral aos esportes: crescimento profissional de Diori na rádio Gaúcha

Também formado em jornalismo na Unisinos, Diori foi contratado pela Gaúcha em abril de 2008, após participar de um processo seletivo de estagiários realizado pelo Grupo RBS. O vínculo teve um ano de duração. Apesar de trabalhar no jornalismo geral, Diori relata² (informação verbal) que sempre teve interesse de trabalhar na editoria de esportes, o que o motivou a se voluntariar para estagiar na área da emissora. Aproveitando as férias de verão, ele conversou com o coordenador de esportes na época, Cléber Grabauska, se colocando à disposição para fazer estágio voluntário que seria exercido no turno oposto.

Com o final do contrato, levou um mês até que Gaúcha entrasse em contato com Diori. Entre maio e agosto de 2009, ele trabalhou como freelancer nos departamentos de jornalismo, comercial e esportivo, até aparecer uma nova oportunidade através de um processo seletivo para a produção do programa “Polêmica”, para o qual foi selecionado. A transferência para o departamento esportivo aconteceu sete meses depois.

O Cléber Grabauska, que era o coordenador de esportes da rádio Gaúcha na época, em determinado dia, de repente, me convidou pra ser do departamento de esportes, Perguntou se eu ainda tinha interesse em trabalhar no esporte da rádio Gaúcha. [...] Disse que gostaria de migrar pro esporte, foi um processo que demorou mais ou menos um mês e no mês de abril de 2010 eu passei em definitivo pro departamento de esportes da rádio Gaúcha. (informação verbal)

Com o ingresso como produtor no departamento, Diori cumpriu diversas funções e teve passagens pela reportagem, realização de plantão esportivo em algumas jornadas e apresentação de programas. A proposta para se tornar comentarista de arbitragem veio em abril de 2012, quando o supervisor de esportes da Gaúcha, Pedro Ernesto Denardin o procurou para uma reunião em que apresentou a possibilidade, que foi aceita de imediato. Em novembro daquele ano, Diori se formou no curso de árbitros da FGF, estreando como comentarista de arbitragem em janeiro do ano seguinte, função que ocupa até hoje na emissora.

² Entrevista concedida por Diori Vasconcelos a Vicente Carvalho no dia 13 de outubro de 2014

4.3.3 Metodologias de trabalho nos comentários de arbitragem

A partir desse levantamento inicial da trajetória dos dois profissionais, constata-se que ambos já possuíam alguma bagagem no radiojornalismo antes de se firmarem como comentaristas de arbitragem. Chico Garcia inicia a carreira já nos esportes, três anos depois retorna ao mercado para trabalhar com o jornalismo geral e pela experiência anterior lhe é aberta uma porta para voltar ao ramo esportivo. Situação semelhante ocorre com Diori, com a diferença deste ter iniciado no jornalismo geral e depois por iniciativa própria, ter pego experiência em outro segmento, o que foi fundamental pra que a emissora lembrasse disso ao lhe propor que migrasse para a editoria de esportes.

Com essa experiência acumulada ao longo dos anos, foram procurados por gestores da Rádio Gaúcha (Pedro Ernesto e Cléber Grabauska), que viam neles potencial para preencher as lacunas deixadas em 2007, quando Henrique Marques saiu da emissora, e em 2012, quando a emissora já estava há algum tempo sem um profissional da área, propondo que se especializassem para dar conta da tarefa. Um ponto a ser destacado é a visão de gestão da emissora, que poderia ter procurado um profissional pronto para exercer a atividade nos dois casos, um árbitro talvez, mas preferiu investir nos profissionais da casa, repetindo a experiência bem sucedida em 2006 com Henrique Marques. Se por um lado ela não iria contar de imediato com aqueles profissionais para cumprir a função, também é verdade que ela não perderia tempo investindo para que um árbitro eventualmente contratado se adaptasse até se dar bem com o aspecto da comunicação, tornando-se um bom profissional de rádio, o que poderia não dar certo.

O curso que fizeram é realizado anualmente pela FGF, que em 2014 abriu 67 vagas para interessados em formar-se árbitros. No regulamento do curso constam objetivos dos quais destaco os de oportunizar aos participantes o contato com conhecimentos relacionados à arbitragem para o exercício da atividade; o desenvolvimento das regras oficiais de jogo; técnicas modernas de arbitragem e regras administrativas bem como o aprendizado das noções de preparação física para o exercício da função. Realizado em Porto Alegre, o curso tem seis meses de duração e é dividido em aulas práticas, teóricas e de educação física. Segundo Chico Garcia:

O curso é composto por palestras de professores, ex-árbitros e membros da comissão de arbitragem que dão palestras sobre as 17 regras, depois as interpretações dessas regras. Nos aplicam testes, provas, e levam árbitros em atividade e outros que já pararam para nos dar a visão de como é estar no campo de jogo, com alguns macetes. Mostram vídeos de lances que geram dúvida, lances da FIFA inclusive, que são exibidos em palestras pelo mundo inteiro, e ali a gente tem uma noção desse mundo, de como funciona o regulamento. Tem a parte jurídica também, das regras. É um curso muito bacana que eu recomendo pra todo mundo. (informação verbal)

No ano em que se formou, Chico Garcia teve como colega o também jornalista Alex Bagé. Segundo ele (informação verbal), ambos optaram por não fazer os testes físicos: “a gente até poderia fazer, mas a gente acertou com o curso que seríamos avaliados apenas pela parte teórica, porque a gente não tinha o objetivo de nos tornarmos árbitros.” Quando a Gaúcha propôs que Diori fizesse o curso, também tinha como ideia que ele fizesse apenas a parte teórica (informação verbal), por entender da mesma forma, que o objetivo era que ele tivesse condições de comentar arbitragem, e que a parte prática não era necessária. Por outro lado, o jornalista considerava fundamental fazer o curso completo, então por iniciativa própria optou por se formar árbitro fazendo também os testes físicos, o que lhe garantiu além do certificado, o escudo que lhe permite apitar jogos pela federação: “Foi uma opção que eu fiz porque eu acho que quanto mais perto daquilo que você desempenhar, você está, mais próximo você está também de passar uma informação mais precisa pro ouvinte, pra quem acompanha o trabalho.”

Com o desafio assumido, Diori também teve que encontrar tempo livre na rotina de trabalho para treinar corrida e musculação, o que era feito em até seis dias por semana quando possível, com o objetivo de fazer o teste físico e ser aprovado, assim como também estava envolvida nessa dinâmica a realizações de simulações práticas de situações de jogo. Situações que para ele, agregaram uma outra noção em relação à realidade dos profissionais de arbitragem, como as dificuldades enfrentadas por eles ao encontrar tempo para treinar e manter a condição física, conciliar seus empregos com a função de árbitro, aspectos que contribuem para o trabalho como analista.

Teve um jogo que eu trabalhei como assistente, por exemplo, e sempre tive a ideia que o assistente só cuidava a situação do impedimento, e quando eu tive ali como assistente, num jogo, eu pude perceber que o assistente cuida a questão do impedimento, do penúltimo defensor, mas que cuida muito mais coisa ao redor, e tem que prestar atenção em muito mais situações periféricas do que a gente pode imaginar. Parece que é muito mais fácil ser

assistente do que quando você realmente tá colocado naquela posição. E eu acho que a parte prática me deu um pouco mais de noção da realidade, um pouco mais de percepção do que é realmente estar dentro de campo, do que é ser submetido à exigência física, que como jornalista a gente comentando os jogos muitas vezes deixa de lado ou não dá tanta importância. (informação verbal)

Onde termina o curso, começa a tarefa de se colocar em prática e aprimorar uma metodologia de trabalho, com a sistematização de procedimentos visando êxito, algo inerente no exercício de qualquer função especializada dentro do jornalismo. Nos dois casos, essa preparação começou antes do final da formação. Chico Garcia, por exemplo, começou a comentar os jogos no decorrer do curso, adquirindo maior segurança para o exercício da função conforme o mesmo ia avançando. Ainda segundo ele, no processo de desligamento da emissora, Henrique Marques lhe informou como funcionava o trabalho e passou planilhas em que registrava os dados da arbitragem nos jogos. Essas dicas acabaram sendo adotadas por Chico Garcia e naturalmente, conforme se tornou mais experiente na função, consolidou com a prática uma sistemática própria de trabalho.

Também nesse aspecto, Diori realizou todo um planejamento assim que aceitou o desafio, com um período de cerca de nove meses para se preparar, entre o início do curso em abril de 2012 e janeiro de 2013, quando efetivamente estreou nos comentários. O foco na etapa de sistematização de uma metodologia de trabalho se intensificou em novembro, quando se formou e teve maior tempo livre para aprofundar o que tinha aprendido para colocar em prática nas jornadas esportivas. O que já vinha fazendo como um exercício era assistir aos jogos de futebol com um interesse e uma concentração maiores nas ações da arbitragem, um dos principais desafios na função. “Chegou a acontecer e acontece até hoje, alguma oportunidade em que, na hora de um gol, você está com um olho no gol e um olho no árbitro, muitas vezes as pessoas enxergam só quem tá com a bola.” (informação verbal). O que vai ao encontro da concepção que se têm de futebol, e até não podia ser diferente, relativa ao interesse de quem assiste os jogos, que está interessado nas atuações dos times, jogadores em campo, não nos lances de arbitragem. Cabe ao analista de arbitragem no entanto ter uma visão mais periférica do jogo. “Eu tenho que enxergar onde tá a bola, tenho que enxergar quem tá com a bola, quem tá rondando essa área e a posição do árbitro para eventualmente tomar uma decisão importante na região da grande área.” (informação verbal). Pode-se medir a

importância de dominar essa prática de estar atento a tudo à necessidade de dar ao ouvinte o veredicto dos lances da arbitragem tão logo eles ocorram.

4.3.4 Critérios de avaliação

Evidentemente quando se fala em avaliação de um profissional, ela deve levar em conta o bom desempenho dele na atividade exercida. Mas existem critérios que devem também considerar as especificidades da área em que atuam. Para avaliar um jogador de futebol e uma equipe, por exemplo, não basta olhar para o resultado do jogo, ver que ele foi favorável para aquele conjunto ou individualidade analisados sem levar em conta outros fatores que não dizem respeito ao resultado final, porque é perfeitamente possível uma equipe vencer um jogo praticando futebol de péssima qualidade. Com o árbitro não é diferente e existem critérios para se empreender essa avaliação.

Quando faz seus comentários, Chico Garcia leva em conta o embasamento teórico das regras do futebol, mas não sem antes observar que a prática se difere da teoria e que em determinadas decisões do árbitro que podem parecer equivocadas se considerado apenas o que diz o livro de regras, é preciso relativizar essa avaliação.

Pra dar um exemplo, tem um lance que é típico de cartão amarelo, se o árbitro não dar o cartão amarelo, óbvio que eu vou fazer essa referência: era um lance pra cartão amarelo. Mas eu tenho que explicar porque que ele não deu. Será que é só porque ele errou? Não, não é só porque ele errou. Também pelo fato de que o clima do jogo favorecia ele a dar apenas uma advertência verbal, apenas conversar com o jogador, pra que aquele jogador alertado não cometa mais esse tipo de falta. Numa falta sequencial, ele sim vai receber o cartão amarelo. Porque se em todas as faltas pra cartão amarelo, o árbitro aplicar o cartão amarelo, ele dificilmente vai acabar o jogo com 22 jogadores em campo. (informação verbal)

Até nesse sentido, Chico Garcia relata que no curso um dos principais aprendizados se refere à administração do jogo em si, que consiste em se priorizar o espetáculo e não levar ao pé da letra a aplicação das regras. Diori aponta ainda como um critério importante nos comentários, as decisões capitais, ou seja, se o árbitro teve erros que passaram pelo resultado das partidas. Nessa categoria de avaliação entram os pênaltis marcados ou não marcados, gols mal anulados ou

validados e expulsões bem ou mal aplicadas. Em uma segunda linha de análise, ele coloca as faltas marcadas e não marcadas, cartões amarelos e a condução do jogo, onde entra a “questão disciplinar, a postura do árbitro como o mediador do espetáculo, o cara que é respeitado pelos atletas”, segundo Diori (informação verbal). E ao avaliar os erros, os julga não apenas pelos equívocos em si, mas a maneira como o resultado de um jogo foi influenciado por eles.

Por vezes o árbitro marca um pênalti que não existiu mas a equipe que sofreu o pênalti venceu por 3 a 1. Teve um erro? Teve. É um erro importante? Sim. É um erro capital? Sim. Interferiu no resultado? Não tanto. Porque uma equipe não deixou de ganhar o jogo por causa desse pênalti mal marcado. É claro que venceria de 3 a 0, teria um gol a mais de saldo e tal mas dentro do contexto, dentro do impacto que esse resultado pode ter, não houve uma inversão no vencedor da partida. (informação verbal)

Nas avaliações que realiza, também julga fundamental não norteá-las apenas pela procura dos erros cometidos, mas também pelos acertos.

Tudo isso é levado em conta pra quem tem que comentar arbitragem. E numa outra perspectiva, evidentemente, o árbitro que acerta na marcação de um pênalti, que acerta na não marcação – porque a gente não tá só procurando erros – que valida um gol de dificuldade alta, porque o jogador tinha praticamente a mesma linha do defensor. E às vezes no monitor a gente fica na dúvida e chega à conclusão de que o cara acertou. Bom, esse cara acertou sem o replay, então isso tem que ser enaltecido também. (informação verbal)

Percebe-se com isso a importância de se considerar todo o contexto de um jogo, uma vez que a presença desses especialistas nas equipes esportivas pressupõe que o repertório informativo gerado a partir desse recorte dos fatos das partidas terá profundidade e maior embasamento. Cenário que representa ir além do que seria feito por um profissional leigo no assunto. Como argumenta Alcoba López (1988, p.90), “los géneros específicos deben contar con los periodistas capacitados para poder atender a la información con la máxima fiabilidad posible.” E a confiabilidade implicada na geração desse conteúdo está no tratamento diferenciado dado a essa informação, em outras palavras, se fosse conteúdo irrelevante, que se pudesse deixar passar em branco, não se teria uma pessoa contratada e investimento nela para falar sobre arbitragem. O que evita que no lugar do espaço reservado à manifestação desses comentaristas, outros profissionais se manifestem

embasados em lugares-comuns e conhecimento raso do assunto, dando margem para uma avaliação pobre, equivocada ou distorcida da aplicação das regras.

4.3.5 Aperfeiçoamento e atualização constantes: uma necessidade

A especialização dos comentaristas de arbitragem não se encerra com o final do curso. Ela é constante e exige iniciativa pessoal de buscar a aquisição de novos conhecimentos relativos ao assunto. Parte deles se refere às regras propriamente ditas. Um exemplo são as atualizações da International Board, que se reúne anualmente para discutir propostas nesse sentido. Apesar de não provocarem alterações nas regras em si, novas diretrizes implementadas a partir dessas deliberações podem impactar significativamente na interpretação de situações específicas do jogo, de acordo com Chico Garcia.

Teve uma importante no ano passado e que até gerou uma grande confusão, que foi na do impedimento. Que foi uma, digamos assim, foi uma modernização da regra que praticamente acabou com o impedimento passivo [...] Essa atualização pegou muita gente de surpresa, eu tinha que estar ligado nisso. (informação verbal)

Em 2014, uma questão que vinha gerando grande polêmica era o aumento do número de pênaltis marcados pela arbitragem nos lances em que os jogadores tocam a bola com a mão, depois de uma recomendação emitida pela FIFA para que houvesse maior rigor nessas infrações, o que levou a CBF a promover um evento para orientar jogadores e profissionais da arbitragem sobre o assunto, para esclarecer que nem todo lance de mão na bola deve ser marcado. Na ocasião, foram apresentados vídeos para análise e debate das regras referentes a esses lances, com a participação dos capitães das equipes que disputam a série A do Brasileirão e árbitros sorteados para atuar na 26ª rodada do campeonato. Certamente, os analistas de arbitragem têm que estar atentos a acontecimentos dessa natureza, que dizem respeito diretamente ao objeto do trabalho deles. Tanto para terem atualizado o conhecimento da aplicação das regras como também para atualizarem os ouvintes sobre o que mudou, gerando conteúdo também na condição de repórteres, buscando ampliar o assunto nos espaços de informação da rádio e em outros canais de comunicação onde também produzem conteúdo. Para essa

reunião realizada no Rio de Janeiro pela CBF, a Gaúcha enviou Diori para fazer a cobertura do evento pela emissora.

Eu tive lá na CBF, fui especialmente pra isso, [...] pra acompanhar esse debate e pra trazer de lá um conhecimento que estando aqui eu não tivesse com a sua maior precisão, pra poder também agregar uma definição que tá sendo colocada pros árbitros, que a gente como responsável por fazer esse meio de campo entre o campo e o ouvinte, a gente tem que ter esse conteúdo permanentemente atualizado. (informação verbal)

Ainda em relação às atualizações realizadas ano a ano, assim que decididas, são publicadas no site da FIFA, em seu Livro de Regras (Laws of The Game) correspondente à temporada em que passarão a ser aplicadas. No Brasil, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) publica a versão traduzida do manual em seu site assim como “divulga ofícios, circulares e determinações”, de acordo com Diori (informação verbal), que relata que essas novas orientações recebidas pelas comissões de arbitragem da entidade e das federações regionais são imediatamente difundidas junto aos árbitros. Por isso ele mantém um monitoramento constante em relação a essas atualizações, assim como também é constante o contato mantido com ex-árbitros e integrantes das comissões de arbitragem, além da frequente leitura do Livro de Regras.

Sempre vai existir uma situação que jamais aconteceu e que vai acontecer, e que não pode pegar o comentarista de surpresa. Das mais inusitadas situações, como por exemplo um torcedor que atira uma pedra e acerta na bola, no meio do jogo. Qual é a decisão que o árbitro tem que tomar? “Tá, mas isso nunca aconteceu.” Não, mas no livro tem a decisão que o árbitro precisa tomar, ou seja, essa interferência externa tá prevista no livro de regras. E eu não posso ser pego de surpresa numa transmissão quando isso acontecer então eu tenho que estar sistematicamente lendo o livro de regras, reciclando os conhecimentos, pra estar sempre com eles na ponta da língua pra quando acontecer uma situação eu não ser pego de surpresa. (informação verbal)

Esse é um detalhe em que pode-se perceber que os dois profissionais são enfáticos. Por mais que seja inesperada e inusitada uma situação que ocorra no jogo e que exija alguma atitude do árbitro, o analista tem que saber qual ação ela demanda, se na ocorrência dela a decisão tomada foi correta ou não, com a justificativa embasada no conhecimento das regras. É como o comentarista, que também deve se preparar para as jornadas, assim como repórteres. São profissionais que não podem chegar nos jogos e ser surpreendidos por um fato do

qual podiam ter tomado conhecimento se tivessem se informado antes, como por exemplo, a ausência de um jogador que se lesionou ao longo da semana nos treinos. Da mesma forma o comentarista de arbitragem deve estar preparado nesse sentido, sempre se atualizando.

4.3.6 Registro e resgate das informações

O que remete a uma outra necessidade de se estar sempre a par dos fatos são os conhecimentos referentes à situação dos árbitros de acordo com o histórico deles no exercício da atividade, em relação à sua carreira e desempenho nas temporadas, campeonatos, assim como o estilo de arbitragem que adotam. O resgate de informações é um trabalho que geralmente cabe ao plantão esportivo. Ele lida com os dados estatísticos e com os arquivos da rádio, produzindo conteúdo a partir desse conjunto de informações, lembrando o ouvinte dos acontecimentos relevantes que estão registrados dos personagens e instituições envolvidos no contexto que se está abordando.

O analista de arbitragem também lida com os dados históricos e estatísticos, mas faz um recorte. Os números que lhe interessam são aqueles referentes ao total de faltas na partida, infrações cometidas por cada uma das equipes e pelos jogadores, cartões amarelos e vermelhos, total de partidas já apitadas por aquele árbitro no campeonato, média de cartões distribuídos por ele, além dos fatos relevantes do jogo envolvendo esses profissionais, como o número de vitórias, derrotas e empates de determinado time quando tem jogos apitados por aquele árbitro, erros gritantes na marcação de alguma infração, validação ou não de gols, etc.

Um dos questionamentos do trabalho nesse aspecto girava em torno de como o comentarista de arbitragem lida com o resgate dessa informação, de como ele a registra, se as emissoras têm dado um tratamento diferenciado para o arquivamento dela, e sobretudo, se isso é de competência do plantão esportivo, se há um trabalho conjunto ou se é de competência exclusiva do analista.

Na Bandeirantes, no que diz respeito ao resgate dos dados estatísticos, há um trabalho conjunto de Chico Garcia com o plantão esportivo, Paulo Pires

(informação verbal) no resgate dessas informações. “Ele me ajuda, por exemplo nessa questão estatística, enquanto que eu cuido da questão do perfil do árbitro, do comportamento dele, do desempenho técnico dele e claro que aí eu misturo com o histórico, ele me dá o dado histórico.” Portanto, o registro de parte desses dados e fatos da partida referentes à arbitragem na emissora é realizado também pelo plantão, ao mesmo tempo em que Chico Garcia mantém um arquivo próprio.

Eu tenho um banco de dados também mas é mais referente ao perfil do árbitro, claro, os jogos que ele apitou e se ele foi bem ou mal. Mais do que a estatística propriamente dita de quantos jogos ele tem, se ele apitou mais vitórias, mais derrotas e tal. Eu procuro guardar aqueles jogos mais polêmicos pra me lembrar de que o árbitro tal apitou um jogo tal em que teve uma confusão tal envolvendo aquelas equipes. Quando ele voltar a apitar um jogo daquelas mesmas equipes eu vou fazer essa referência histórica porque aí existe um desgaste na relação, ele brigou com tal jogador, com tal dirigente, é um ingrediente a mais que até complementa as informações do jogo. (informação verbal)

Dentro dessa sistemática, é comum o plantão compartilhar com Chico Garcia (informação verbal) as informações sobre os jogos já apitados pelo árbitro em que esteve envolvida a equipe cujo jogo é o foco do trabalho assim como o número de cartões aplicados e lances polêmicos. “Aí eu vou lembrar, é verdade, vou me lembrar também da característica dele apitando, e vou fazer a análise da atuação dele dentro da regra, então um complementa o outro.”

A sistemática de arquivamento dos dados que são de interesse para o exercício da função é mantida desde 2007, quando Henrique Marques passou a Chico Garcia as planilhas em que registrava os dados da partida, além do arquivo com os perfis dos árbitros. Naturalmente o arquivo se expandiu consideravelmente e o monitoramento dos profissionais de arbitragem é uma constante nesse trabalho.

Uma das ferramentas usadas nesse processo é o site “WorldReferee”, que de acordo com Chico Garcia (informação verbal), é um site em inglês que tem informações dos árbitros estrangeiros, embora faltem informações sobre profissionais iniciantes ou de “países muito distantes.” Na descrição da página, consta que “o principal objetivo da WorldReferee é criar uma plataforma de alcance mundial para pessoas que querem compartilhar conhecimento sobre árbitros.”³ Lá é possível encontrar informações de árbitros em atividade e já aposentados – alguns

³ Disponível em <<http://worldreferee.com/site/about.php>> Acesso em: 18 de novembro de 2014

há bastante tempo – com dados que vão desde a data de nascimento até as ocupações profissionais, assim como fatos que marcaram suas carreiras, como o ano em que se tornaram árbitros FIFA, anos em que tiveram seu trabalho reconhecido através de premiações como a de melhor árbitro de determinado campeonato, etc. No site é possível fazer buscas por país, nome dos profissionais e clubes de futebol. Por exemplo, buscando pelo nome do Manchester City, o site mostra os jogos que têm compilados dessa equipe com os árbitros que os apitaram, competições e datas em que ocorreram tais partidas e número de pênaltis e cartões (amarelos e vermelhos) aplicados.

São dados básicos de um jogo mas a partir deles é possível se identificar como determinado árbitro costuma administrar os jogos, se marca muitas faltas, se é mais propenso a punir os jogadores com cartões. Diori também tem como hábito registrar essas informações, usando nas jornadas uma planilha em que anota o número de faltas de cada equipe, se cometidas no primeiro ou segundo tempo, quem as cometeu, quem as sofreu, cartões aplicados e impedimentos (informação verbal). Registros que já no momento do jogo dão ao analista a possibilidade de alertar para fatos relevantes, como se um jogador está sendo muito perseguido pela equipe adversária em um rodízio de faltas, se certo atleta está cometendo muitas faltas em sequência e merecendo uma advertência verbal ou um cartão. Posteriormente, esses registros colaboram de maneira significativa com a identificação do perfil do árbitro.

Quando tem um jogo de um determinado árbitro, como por exemplo, o Raphael Claus que apitou o jogo do Internacional contra o Fluminense nesse domingo. O Raphael Claus é um árbitro que geralmente não marca muitas faltas. Aquela disputa de corpo que muitos árbitros, picotam, apitam tudo que é coisa que acontece, tudo que é tipo de contato, ele já não faz. Como é que eu construo essa ideia, como é que eu conheço esse perfil, essa característica desse árbitro? A partir dos jogos que eu faço dele e a partir dos números que ele tem. (informação verbal)

Apesar de não ter um banco de dados próprio, Diori registra essas informações e guarda as planilhas em que faz as anotações, além de publicar em forma de conteúdo no blog que mantém na página da rádio Gaúcha, onde posta notícias e estatísticas. Segundo ele (informação verbal), são dois objetivos buscados com isso: a disponibilização daquele conteúdo para os leitores da página e o acesso facilitado a esses dados caso ele venha precisar deles futuramente.

Por exemplo, a média de cartões amarelos do Campeonato Brasileiro de 2013. Foi feita uma notícia, foi feito um post sobre isso, por mim em 2013. Foi feito isso por mim em 2012, então têm dados que se eu precisar buscar eu sei que eu encontro no próprio blog. (informação verbal)

Assim como os dados que eventualmente pode buscar no blog, Diori relata (informação verbal) que a Gaúcha é assinante do Footstats, que ele avalia ser uma “fonte de dados muito importante”, que lhe permite acesso aos números dos árbitros nos campeonatos. Na descrição do site, ele é definido como “um sistema de alta tecnologia [...] que cobre simultaneamente todas as rodadas dos campeonatos de futebol mais importantes”, fazendo isso em tempo real e que tem “como meta a criação de um banco de dados preciso que responde a todas as perguntas sobre o futebol latino americano⁴.” O site acompanha mais de 50 campeonatos de futebol anualmente.

4.3.7 Rotina dos comentaristas de arbitragem

Via de regra, todas as jornadas esportivas na Gaúcha e na Bandeirantes contam com a participação do analista de arbitragem. Eventualmente na Band, Chico Garcia é por vezes chamado para trabalhar como repórter nas transmissões televisivas do grupo nos jogos de Grêmio e Internacional. Nessas ocasiões, a transmissão da rádio ocorre sem o analista. Da mesma forma, quando os dois jogos da dupla acontecem no mesmo horário, ele é obrigado a escolher um dos jogos para comentar, o que demanda que depois ele assista à gravação do jogo que não acompanhou para poder avaliar posteriormente a atuação da arbitragem quando a atuação do árbitro e bandeirinhas gera alguma polêmica. Na Gaúcha, Diori sempre está nas transmissões dos jogos e quando eles acontecem no mesmo horário, a opção é por ficar no estúdio para poder acompanhar os dois simultaneamente.

O percentual de jogos que não envolvem a dupla Gre-Nal, transmitidos pelas emissoras é muito pequeno e mesmo parte daqueles que não são dos clubes de Porto Alegre, certamente são de interesse direto para os torcedores da Capital, pois afetam de alguma maneira as duas instituições. A Gaúcha tem ainda como padrão

⁴ Disponível em <<http://footstats.net/institucional>> Acesso em: 18 de novembro de 2014

acompanhar os jogos da Seleção Brasileira, tanto em amistosos quanto nas competições.

Dentro desse contexto, a rotina dos analistas começa com a busca da escala das equipes de arbitragem selecionadas para comandar os jogos em que vão comentar, para fazer em seguida a busca de dados sobre esses profissionais, como o histórico recente, para já terem conteúdo para repercutir nos programas de esportes ao longo da semana, contextualizando os ouvintes sobre o atual momento dos árbitros escalados para apitar os jogos da rodada. Além do interesse imediato nos times locais, há ainda o interesse em informar a audiência sobre os árbitros gaúchos, jogos que apitam na rodada e condição deles nas temporadas.

A repercussão dessas informações se estende e ganha maior importância no espaço das aberturas das jornadas esportivas, pouco antes do início dos jogos e da mesma forma, com o objetivo de projeção do que se pode esperar do árbitro em campo, como ele costuma se comportar na marcação das infrações e aplicação de advertências. Um fato interessante referido por Diori (informação verbal) é que a rotina acaba proporcionando a repetição da avaliação dos mesmos árbitros, que têm seu estilo de apitar e características cada vez mais conhecidos pelo analista, o que facilita na construção desse conteúdo: “Muitas vezes a gente recebe uma escala de arbitragem por e-mail ali ou acompanhando o site da CBF e ao ver o nome do árbitro que tá escalado pra dupla Gre-Nal a gente já constrói um raio-x, porque já conhece o árbitro.” Quando ocorre o contrário e esse profissional é pouco conhecido ou não se tem ideia da condição dele por não se comentar há algum tempo os jogos que comandou, resta pesquisar sobre o histórico recente do mesmo, segundo Diori (informação verbal). Na jornada esportiva acompanhada no dia 18 de outubro de 2014, por exemplo, Diori é convocado pelo apresentador Sérgio Boaz, durante o “Pré-Jornada”, para falar sobre a equipe de arbitragem escalada para aquele jogo.

Quem apita o jogo do Grêmio contra o Goiás é Marielson Alves Silva. É um árbitro baiano, ele é muito jovem, tem 32 anos, estreou na série A do Campeonato Brasileiro nessa temporada. É um árbitro do quadro da CBF, tá buscando espaço, é uma das apostas da comissão de arbitragem, um dos novos nomes que vem sendo lançados nos últimos tempos, ele estreou numa partida que foi uma verdadeira pedreira, que foi o jogo entre Botafogo e São Paulo. Foi 4 a 2 pro Botafogo, o jogo do pisão do Ayrton na cabeça do Alexandre Pato, um jogo de muita velocidade e de muita alternância de contra-ataques, então um jogo que exige muito da condição física do árbitro, um jogo em que ele foi praticamente perfeito junto com seus assistentes, inclusive em lances difíceis de interpretação pros assistentes, de bolas assim que o jogador tá atrás da linha da bola e tem que se ter a precisão

pra perceber a posição legal. Foi uma atuação muito boa nessa estreia do Marielson Alves Silva. É um árbitro que eu não acompanhei muito porque a gente não consegue ver todos os jogos do Campeonato Brasileiro. E o jogo que eu acompanhei com mais detalhes foi esse daí entre Botafogo e São Paulo em que ele foi muito bem. Agora, é um árbitro jovem, buscando o seu espaço, mas é um árbitro que apresenta potencial pra seguir aparecendo com mais força nos próximos tempos. (informação verbal⁵)

O mesmo acontece na Bandeirantes, onde antes do início das jornadas, Chico Garcia faz a apresentação dos árbitros, dando ao ouvinte uma série de informações sobre o perfil deles, como no programa “Jogo Aberto”, que antecede as transmissões dos jogos. No dia 22 de outubro, quando teve jornada dupla com um dos jogos começando um pouco mais cedo, o analista de arbitragem da emissora trouxe informações das duas partidas: Flamengo e Internacional e Grêmio e Figueirense.

Na rodada desta quarta-feira pra dupla Gre-Nal, dois árbitros novatos, dá pra dizer assim, numa reta decisiva de Campeonato Brasileiro, a CBF escala dois árbitros praticamente iniciantes para dois jogos importantes. Começando por Inter e Flamengo, que terá o paulista Thiago Duarte Peixoto. Eu confesso que nunca vi nenhuma partida do Thiago, embora ele tenha apitado três jogos já na série A do Brasileiro, estreou na série A aqui em 2014 e apitou três jogos: Vitória e Fluminense, na 22ª rodada, Sport e Atlético-MG na 12ª, e Flamengo e Figueirense, na 8ª rodada, ou seja, o segundo jogo do Flamengo que ele apita neste Brasileirão e o primeiro do Inter, dá pra dizer que é a estreia dele, Thiago Duarte Peixoto. E no jogo do Grêmio, na Arena do Grêmio, terá Vinicius Furlan, um paulista que também é um novato, tem 35 anos, e ele tem, embora novato, cinco jogos na série A desse Brasileirão. Atua mais como quarto árbitro, árbitro adicional, mas ele tem já cinco partidas nessa série A e estreou ano passado, apitando Ponte Preta e São Paulo lá na primeira rodada. Dois iniciantes, dois paulistas, vamos ver o que nos reserva a noite da arbitragem nesses jogos da dupla Gre-Nal. (informação verbal⁶)

Além dessa contribuição inicial, há as intervenções que ocorrem ao longo da jornada, que dependem da ocorrência de lances que demandam o conhecimento das regras. Um exemplo dessas intervenções foi registrado pela pesquisa na gravação do jogo Internacional e Corinthians pelo Campeonato Brasileiro de 2014, foi quando o goleiro do clube paulista foi atingido e começou a sangrar, o que ocasionou em várias paralisações da partida para que ele fosse atendido e pudesse seguir em campo. Quando o técnico e jogadores do Inter começaram a reclamar,

⁵ Jornada esportiva da Gaúcha gravada no dia 18 de outubro de 2014

⁶ Jornada esportiva da Bandeirantes gravada no dia 22 de outubro de 2014

protestando por uma possível cera do time adversário, o narrador da jornada e repórteres começaram a repercutir a pertinência da reclamação, quando a transmissão teve a intervenção de Diori (informação verbal⁷) em um primeiro momento, quando esclareceu. “Estão fazendo o atendimento ali. O tempo perdido para atender o Cássio vai ser recuperado.” Contribuição que em meio às dúvidas e informações dos colegas de jornada, é ampliada e complementada. “Não é cera. O jogador tomou uma pancada, tá sangrando, foi feito um curativo, atingiu com o joelho o rosto do Cássio ali, o Wellington Silva, uma disputa de bola normal, o jogo parou com 13 e vamos ver quanto tempo ele vai dar depois.”

Outro exemplo foi registrado no jogo entre Grêmio e Figueirense, no dia 22 de outubro, quando o árbitro assinala um pênalti a favor do time gaúcho, que pelo relato do repórter em campo, foi marcado como um toque de mão dentro da grande área. O lance é esclarecido assim que Chico Garcia tem acesso às primeiras imagens. “Não foi nada Daniel, absolutamente nada. O Zé Roberto pula, não toca no braço, não foi pênalti.” No intervalo do jogo, o erro é ampliado com maiores informações.

O lance é polêmico, a gente tem uma reprodução de uma imagem agora do pênalti. Realmente a bola bate no braço do jogador quando ele dá o carrinho. [...] Só que no momento em que o jogador dá o carrinho, ele recolhe o braço, ele recolhe o braço e a bola bate ali. Quando ele recolhe o braço ele mostra claramente que ele não quer interferir na jogada, então não foi pênalti nem por um lado e nem por outro. (informação verbal⁸)

Dentro da rotina dos analistas, uma outra dúvida suscitada pela pesquisa se refere ao local de trabalho, se eles atuam predominantemente nos estúdios ou nos estádios e qual lugar proporciona melhores condições de desempenhar bem as análises das atuações da arbitragem. Nesse aspecto, Diori e Chico Garcia são unânimes. A preferência é sempre por trabalhar no estádio. Segundo Chico Garcia (informação verbal), acompanhar os jogos apenas pela televisão limita o trabalho do analista.

Eu prefiro ir no estádio, porque eu tenho uma visão da imagem que não está apenas na bola. Então o que que acontece. A televisão, ela te limita muito, ela tá o tempo todo na bola, passa replay, então tem coisas acontecendo que tu perde. Estando no estádio, eu tenho a visão do campo, eu sei onde tá o árbitro, em determinado lance polêmico, a primeira coisa

⁷ Jornada esportiva da Gaúcha gravada no dia 19 de outubro de 2014

⁸ Jornada esportiva da Bandeirantes gravada no dia 22 de outubro de 2014

que, eu olho pra ele, vejo se ele tá bem posicionado, se ele tá mal posicionado, se ele tá longe, se ele tá perto, então eu prefiro estar no estádio. (informação verbal)

Assim, o jornalista só deixa de ir ao estádio em determinadas ocasiões, como nos casos em que os jogos são transmitidos em horários próximos um do outro e impossibilitam acompanhar um em campo e outro pela televisão por motivos de deslocamento, o que faz com que os dois jogos tenham que ser acompanhados pelo estúdio. Já quando os jogos acontecem no mesmo horário, o grupo gestor da rádio avalia junto com Chico Garcia qual jogo é o mais importante, seguindo critérios que vão desde as chances dos times envolvidos ficarem próximos de conquistar o seu objetivo dentro do campeonato à característica do árbitro que vai apitar a partida, o que também acaba pesando se ele costuma tomar decisões mais polêmicas, e a decisão pelo jogo que vai ser acompanhado pode ser a favor do que não está acontecendo em Porto Alegre.

Claro que isso nunca é certeza, pode ser como já aconteceu, de eu comentar um jogo que não teve nenhum incidente, e um jogo no mesmo horário deu um monte de rolo de arbitragem mas eu não estava comentando aquele jogo aí eu tenho que ver todos os lances depois pra no pós-jogo acabar comentando a respeito, porque eu não estava escalado para aquele jogo. Antes do jogo, parecia ser um jogo mais difícil de acontecer alguma coisa e no fim foi o contrário, mas aí, quando eles acontecem no mesmo horário, eu não tenho como comentar os dois, evidentemente. (informação verbal)

Na Gaúcha também são raras as jornadas esportivas em Porto Alegre que não contam com a presença do analista nos estádios. A preferência de Diori é sempre por comentar os jogos nas cabines reservadas à imprensa, não só pela questão da visão ampla do campo de jogo que essa condição lhe proporciona mas também por outros fatores, como os que se referem ao próprio ambiente de jogo. Segundo o jornalista (informação verbal), no estádio é possível perceber se a pressão exercida pelo ambiente de jogo está tendo influência nas decisões tomadas pelo árbitro em campo. Dessa forma é possível para ele avaliar se as decisões da arbitragem são as mais adequadas para o nível de tensão do jogo. Diori refere (informação verbal) o exemplo de determinadas infrações que em jogos mais calmos demandam uma postura menos dura na punição aos jogadores, mas que essa postura for adotada em um jogo de maior tensão, pode representar a perda do

controle do jogo pela arbitragem, assim como se o árbitro resolver ser mais enérgico em uma partida sem maiores incidentes, ele pode ser o criador dessa tensão.

Fora a questão do ambiente, há o aspecto já referido da visão privilegiada que se passa a ter do jogo ao se optar acompanhá-lo pelo estádio, o que permite captar detalhes que poderiam não ser notados caso se optasse por fazer os comentários só com o uso do recurso eletrônico.

Há pequenos detalhes, pequenas situações que só estando no estádio que a gente vai perceber. Por exemplo, um gol que de repente é validado pelo árbitro mas que o assistente não corre pro meio do campo. Porque sempre que há um gol e o assistente acha que tá tudo ok, tudo certo da parte dele, ele corre pro meio-campo pra validar a marcação do gol. E muitas vezes pelo recorte da câmera da TV, a gente não tem a visão do assistente na imagem. E de repente, o que que aconteceu? No estúdio a gente vai demorar um pouco mais pra entender, pra enxergar ao redor porque a gente vai depender de uma outra câmera que mostre uma outra situação. No estádio não. No estádio se o cara deu o gol e o assistente não correu, eu já olho automaticamente pra ele, eu tô com a visão toda do campo. Então pequenos detalhes de recorte, de percepção de campo, de contexto de campo é só o estádio que dá mas não prejudica em cada o comentário, eu estar no estúdio. (informação verbal)

Apesar de entenderem que estar no estádio representa maior possibilidade de fazer melhor as análises, os dois comentaristas também são unânimes no que diz respeito ao uso do recurso eletrônico para terem maior precisão no que vão comentar. Diori considera importante (informação verbal) emitir sua opinião sobre os lances assim que as primeiras imagens são reproduzidas na televisão, por entender também que o árbitro não tem uma segunda possibilidade de voltar atrás em sua decisão, uma margem para uma segunda opinião sobre o lance. Segundo ele, a primeira imagem já permite construir uma opinião, o que não impede que essa informação dada em um primeiro momento seja modificada em um segundo momento, pois como o próprio jornalista salienta, há ocasiões em que na sequência, os lances são mostrados sob outros ângulos que mudam a percepção inicial que se tinha do ocorrido. Para Diori, o fundamental é comentar sempre “em favor do fato.”

O que aconteceu no campo, eu tenho que passar pro ouvinte e é por isso que eu utilizo o replay. Pra tentar chegar o mais perto possível da imagem correta, da imagem ideal, da verdade do lance, que muitas vezes não vai existir um consenso mas é uma questão de opinião, eu tenho a minha, você tem a sua, o ouvinte vai ter a dele. [...] no momento que se está numa transmissão e que se há o recurso dessas imagens, elas têm que ser utilizadas pra levar a informação mais precisa pro ouvinte. (informação verbal)

O recurso eletrônico, portanto, não é um recurso a ser empregado apenas para se acompanhar os jogos do estúdio mas um importante complemento do trabalho dos analistas quando estes estão nos estádios. Sempre com a noção de que o mais importante é entregar uma opinião confiável sobre o que acontece em campo envolvendo a aplicação das regras. É o que também entende Chico Garcia.

Mesmo no campo, eu preciso do monitor. [...] Não é que eu precise do replay, eu não estou ali para chutar, eu estou ali para tirar a dúvida do ouvinte. [...] Porque eu daqui a pouco tive uma visão superficial, de longe, que é a que ele teve também, que não foi pênalti. Só que aí eu tô e aí eu dou uma verificada no monitor na mesma hora e posso tirar a dúvida e aí eu explico: “Olha, é um lance difícil, daqui não pareceu, mas, na televisão, tá mostrando que houve o toque, então eu tô ali pra tirar a dúvida. Não é que eu precise do replay, eu poderia analisar de longe mas aí não tem vantagem nenhuma. [...] Só que eu tô ali pra esclarecer a regra. Em lances de interpretação, eu tenho que falar aquilo que eu vejo e aí é muito melhor tu ter todos os recursos pra tirar a dúvida do que ficar chutando. (informação verbal)

Claro que além do recurso eletrônico, há ainda os repórteres em campo, que muitas vezes conseguem visualizar o que aconteceu nos lances que geram alguma dúvida. Essa informação emitida por eles também ajuda o analista a embasar sua opinião dos fatos, porque apesar de haver o recurso eletrônico, a televisão também pode demorar um pouco mais até mostrar o que aconteceu e a transmissão em rádio, mais do que a televisão, exige que a opinião do analista seja emitida senão imediatamente pela questão da precisão do conteúdo, tão logo se tenha um volume inicial de informações que ajudem a sustentar uma primeira percepção, muito também pelo fato do jogo muitas vezes prosseguir e o narrador tem prioridade de levar à audiência o desenrolar da partida. Quando não há essas informações ou replay que permita a Chico Garcia opinar sobre os lances com precisão e certeza, ele emite uma primeira opinião deixando claro ao ouvinte que não houve repetição do lance na televisão e que a percepção dele é embasada no que ele viu inicialmente (informação verbal). “Se a televisão não coloca o replay, eu digo: ‘Não teve uma imagem mais aproximada pra que a gente tirasse a dúvida e tal, olhando daqui foi, ou não foi’ [...] Minha primeira impressão foi essa.”

4.3.8 Decodificação das regras

Toda informação gerada no contexto do jornalismo passa por um tratamento através do qual os comunicadores identificam os aspectos relevantes, filtrando o conteúdo que vai ser levado à audiência. Um dos recursos usados nesse trabalho é a disposição das informações dentro de um enunciado a partir do nível de importância delas. Esse processo demanda que o jornalista se preocupe também em decodificar o conteúdo para que seja o mais inteligível possível, evitando termos muito técnicos e adequando a linguagem para atingir o objetivo de facilitar a recepção. Em meio a esse desafio, há o fator tempo, que faz com que o jornalista tenha que se preocupar ainda com os prazos que lhe são dados para fechar uma matéria, seja nos veículos eletrônicos, online ou impressos. Nas transmissões ao vivo das jornadas esportivas, o tempo é ainda menor. Dessa forma, para o analista de arbitragem, é fundamental prestar atenção nos lances para decodificar e interpretar com rapidez e precisão esse conteúdo para quando for acionado pelo narrador, ser capaz de sintetizar o ocorrido no lance e dar ao ouvinte o seu parecer de acordo com o que dizem as regras. Tarefa que se presume menos complicada com o domínio das duas competências: o fazer jornalístico e o conhecimento das regras.

Receptores son también los periodistas porque o bien les llegan las noticias indirectamente, por medio de la agencia o los comunicados de organismos, entidades o individuos, o las reciben directamente en ruedas de prensa, conversaciones, etc. En ese momento el profesional del periodismo se encuentra en la posición del receptor: recibe un mensaje. Por eso la necesidad de que el profesional de la información sea especialista en el género específico pertinente. El código será inteligible, comprenderá lo que se le comunica y, luego, él, a través de su repertorio de su experiencia, de sus conocimientos en el tema, sabrá traducir las posibles inferencias que le he proporcionado la fuente. A partir de aquí es cuando pasa de receptor a emisor, codificador de contenido, misión para la cual está perfectamente preparado. (ALCOBA LÓPEZ, 1988, p.95)

Essa é outra questão levantada pela pesquisa junto aos analistas, referente ao modo como eles operam a construção do enunciado nas jornadas, unindo os conceitos básicos do jornalismo ao conhecimento da arbitragem. Diori lembra (informação verbal) que no decorrer do curso de formação de árbitros, aprendeu muitos termos técnicos que acabou incorporando naturalmente ao trabalho como analista mas que com o tempo de exercício da função, os próprios colegas de jornada lhe chamaram a atenção para o uso de alguns termos, como “campo de jogo”, que é usado pelo árbitro quando ele se refere ao campo de futebol. Outro usado no contexto da arbitragem, “a falta temerária”.

Pro livro de regras, a falta temerária, ela é passível de cartão amarelo. Ela é uma falta que pode colocar o adversário em risco pela disputa, por atingir o adversário. Agora pro ouvinte se eu falar em falta temerária, que que eu tô querendo dizer? Que que é mais simples pro ouvinte? Eu dizer que ele fez uma falta temerária ou dizer que ele não tinha condições de disputar a bola e dar um chute na perna do adversário? Que que é mais claro pro ouvinte? Eu dizer que o jogador tinha uma chance, uma chance clara de fazer um gol ou dizer que ele tinha uma chance manifesta de fazer um gol? Às vezes são pequenos termos, pequenos detalhes que a gente tem que traduzir e falar da forma mais direta possível, da forma mais clara possível. (informação verbal)

A noção de que o ouvinte não tem a obrigação de dominar os termos técnicos das regras leva nesse sentido a uma preocupação constante dos analistas em relação às intervenções nas jornadas, durante as quais devem sempre facilitar o processo de comunicação com a audiência. Para Chico Garcia (informação verbal), reside nesse aspecto uma vantagem das emissoras investirem em jornalistas qualificados no assunto e não em árbitros. Ele estabelece uma analogia com o “juridiquês”, afirmando que o jornalista tem a capacidade de traduzir o “arbitrês”, que seria a linguagem utilizada pelos árbitros, repleta de termos técnicos. Para Chico Garcia, tão importante quanto essa capacidade, é o domínio do ritmo de uma jornada de rádio, que não pode ser quebrado.

Um ritmo de rádio, pro jornalista que tá acostumado, o radiojornalista, ele sabe como sintetizar, e mais do que sintetizar, ele sabe dar ritmo e não quebrar o ritmo uma jornada esportiva, que tem o narrador num pique elevadíssimo pra levar informação, o repórter atrás da goleira, o comentarista que também tá no ritmo de uma jornada de rádio, e o comentarista de arbitragem não pode quebrar isso. Na televisão a coisa é mais conversada e tal, no rádio, a velocidade, ela é muito maior. O jornalista de rádio que tá acostumado pega essa regra e explica primeiro de uma forma muito rápida, objetiva, clara, sucinta e ainda com o ritmo necessário. (informação verbal)

Em suma, o jornalista tem a capacidade de perceber no todo dos acontecimentos do jogo, os elementos que lhe são pertinentes na condição de receptor, quando as informações são recebidas pelo que vê em campo se estiver no estádio, pelos relatos dos repórteres e pela televisão, para depois na condição de emissor construir um enunciado contextualizando o ouvinte sobre o que ocorreu, operando nesse primeiro momento o fazer jornalístico para depois justificar sua opinião sobre o modo como a regra foi aplicada no lance, tudo isso em um curto espaço de tempo em que o raciocínio rápido se faz preponderante.

4.3.9 O conhecimento das regras em outros canais

Apesar do jornalismo apresentar exemplos de profissionais muito competentes no que fazem, especializados em áreas que não a da comunicação, não há dúvidas que se tivessem passado por esses cursos, teriam mais ferramentas para tornar esse trabalho muito mais qualificado. Como é o caso dos jornalistas que resolvem se qualificar em outras áreas, se aprofundar em determinadas temáticas, buscando outros saberes para dar conta de tarefas que exigem deles uma especialização para que possam lidar com temas de maior complexidade.

El periodista especializado une a sus condiciones, la de entendido en la materia, y la de, nada más y nada más y nada menos, que: periodista. Esa es la gran diferencia entre el técnico en una materia y el periodista especializado, uno conoce el tema, y puede que hasta mejor que el periodista, pero carece de la formación de éste, de como manejar la herramienta periodística para hacer que el mensaje llegue con el menor número de ruidos al cliente y, sobre todo, y como venimos repitiendo y deberemos repetir hasta la saciedad, explicando las materias con el lenguaje del que se han extraído los términos de difícil comprensión y se han colocado, en su lugar, otros asequibles a la mayoría de los clientes. (ALCOBA LÓPEZ, 1988, p.107)

Por isso é comum ver esses profissionais serem consultados por outros jornalistas das empresas onde trabalham quando surgem dúvidas que demandam conhecimento especializado e cujas respostas não precisam ser buscadas com fontes externas. O próprio Chico Garcia lembra (informação verbal) que no período em que trabalhou na RBS, não atuava apenas como analista de arbitragem da rádio Gaúcha, mas também como um consultor do assunto requisitado pelos outros veículos do grupo, como a Zero Hora e a TVCOM. Na Bandeirantes também é comum que os colegas telefonem para Chico Garcia entrar no ar durante a programação esportiva para falar de assuntos pontuais, além do próprio também abordar o tema arbitragem no programa “Donos da Bola”, na televisão. “Eu acabo fazendo uma análise, seja no pós-jogo, seja no pré-jogo, pré-jogo projetando e explicando quem é o árbitro e qual é a expectativa e no pós, analisando os lances que ele apitou, errou e acertou.” Quando ele trabalhou na RBS, também teve um blog em que difundia as informações sobre arbitragem, mas com a ida para a Bandeirantes, a função de analista passou a ser secundária em relação às outras tarefas cumpridas na empresa.

Assim como Chico Garcia costumava fazer em relação à sua especialização, Diori também gera conteúdo na internet, postando textos que antes tinham periodicidade diária, e que hoje já são postados segundo a necessidade de se abordar fatos de acordo com a relevância e pertinência deles.

E eu vi que valia mais à pena eu buscar posts mais analíticos, que trouxessem um conteúdo diferente, mais explicativo, ou questões pontuais em relação a polêmicas que acontecem nos jogos, do que postar qualquer situação que acontece por aí afora. Quando algo me instiga a escrever no blog eu escrevo no blog. Quando eu olho uma escala de arbitragem e algo me chama atenção que possa render, eu publico no blog. (informação verbal)

Além de textos informativos e opinativos, Diori também costuma postar vídeos e áudios no blog. Muito desse conteúdo repercute as avaliações realizadas nas jornadas da rádio, portanto a página também funciona como uma extensão dos trabalhos nas coberturas dos jogos, até para o ouvinte que quiser maiores detalhes dos lances polêmicos, de erros e acertos dos árbitros. Nos vídeos, por exemplo, Diori utiliza um monitor para mostrar aos internautas o que aconteceu no lance, para depois explicar porque a decisão tomada na ocasião estava certa ou errada e o que as regras dizem a respeito disso.

Naturalmente a presença de um especialista em determinado tema acaba gerando uma demanda de aproveitamento do conhecimento dele que vai além do cumprimento de uma tarefa específica, que no caso dos analistas, seria a participação nas coberturas dos jogos. E como afirma Alcoba López (1988, p.95), o jornalista sabe como manejar as ferramentas que os conhecimentos da profissão lhe proporcionam, o que implica a possibilidade de gerar conteúdos de forma efetiva em diferentes plataformas, sabendo adequar a linguagem e aproveitando o potencial de cada uma delas para atingir a audiência.

5. Considerações finais

Apontar tendências de diversificação da especialização do fazer jornalístico é sempre um desafio, diante do cenário desanimador do mercado de trabalho. É fato que as empresas, apesar de um ou outro caso excepcional, de modo geral preferem economizar no sentido de contar com recursos humanos com uma formação que vá além daquela generalista, que consiste em quadros profissionais repletos de jornalistas aptos a lidar com a ferramenta como ninguém, com o domínio das linguagens dos mais diversos meios e às vezes até cumprindo funções que não lhe competem, como operar uma câmera para gravar um vídeo, entre outras, mas que via de regra, não se aprofundam – muito por não serem incentivados pelas empresas ou não encontrarem suporte para isso no decorrer dos cursos de jornalismo – em campos específicos, e como já referido nos capítulos anteriores, têm sua formação solidificada com o tempo de experiência, se tiverem a possibilidade de atuar por um longo período na função.

Falar em jornalismo especializado, portanto, significa falar na valorização do profissional, considerar que o investimento nele é tão importante quanto o que é feito em outras frentes que visem maior qualificação do conteúdo que é produzido pelos veículos. É uma valorização que não seja momentânea, mas fruto de projetos regulares, que não sejam abortados repentinamente, algo comum no cenário da comunicação, em que as empresas muitas vezes recorrem ao enxugamento de gastos como uma saída para lidar com dificuldades financeiras e conseqüentemente se tornarem mais competitivas, reduzindo os quadros profissionais, o que é contraditório, uma vez que são justamente os jornalistas – qualificados e em número adequado para lidar com a responsabilidade de informar a audiência – que vão dar aos veículos melhores condições de competir com os concorrentes e adversidades.

E se a inconstância é uma constante no jornalismo brasileiro, que ora avança, ora retrocede em termos de valorização profissional, os avanços tecnológicos não acompanham a mesma tendência, trazendo de maneira constante novos desafios para o tratamento e difusão da informação, tanto no que diz respeito à democratização desse processo quando na instantaneidade de apuração e veiculação.

É onde entra a necessidade de especialistas que possam lidar com essa crescente demanda, de acesso imediato às informações, mas dotadas de tratamento especializado. Dentro desta perspectiva a pesquisa buscou se sustentar no fato de que as emissoras de rádio de Porto Alegre têm investido em um segmento de especialização que até uma década atrás não era tratado como recurso indispensável.

Ao agregar mais uma função à rotina do radiojornalismo esportivo, os veículos dão um passo adiante no processo de expansão do leque de informações oferecidas aos seus ouvintes durante os jogos. Com a profissionalização cada vez maior da editoria, a cobertura de acontecimentos que envolvem os jogos – antes, durante e depois – faz com que o rádio consiga levar ao seu público uma atmosfera tão rica em detalhes quanto a oferecida pela televisão, em que os profissionais envolvidos não possuem tamanho peso e responsabilidade, uma vez que as imagens fazem boa parte do serviço, pois o espectador vê as imagens e pode obter uma primeira conclusão, e mesmo assim ela é complementada pela participação do analista de arbitragem que independentemente de haver o recurso do replay, está ali porque se parte do pressuposto que não basta mostrar o que aconteceu, é preciso eliminar qualquer margem de dúvida sobre as regras que possam ser suscitadas no decorrer dos jogos.

Dentro do contexto estudado da profissionalização dos departamentos de esportes, com a divisão de tarefas e investimentos em profissionais aptos a lidar com elas, percebe-se que essa é uma das soluções que vem sendo adotadas como resposta às novas demandas de produção de conteúdo. De fato, é preciso se manter relevante diante da concorrência e não só a direta, mas a indireta de outras plataformas que dispõem de uma gama maior de recursos tecnológicos para a transmissão de informações. E mais do que em outros veículos, o jornalismo feito em rádio precisa reinventar-se de tempos em tempos, oferecendo novidades que qualifiquem o repertório informativo levado ao ouvinte. Como no caso dos analistas de arbitragem, que preenchem uma lacuna importante do radiojornalismo esportivo.

Quando esses especialistas se tratam de jornalistas incentivados a buscar uma especialização, as empresas de comunicação contrariam a lógica do atalho trilhado por veículos que veem na contratação de ex-árbitros, ex-jogadores e dirigentes a melhor opção para preencher essa lacuna, que apesar de poderem

desempenhar a função de comunicador de forma competente, não possuem as ferramentas, as habilidades que possui o jornalista para identificar no universo do futebol, os elementos aos quais deve ser dada ênfase, aqueles que não possuem importância e acima de tudo o domínio do próprio fazer jornalístico em si. Entre investir na especialização de um jornalista que já possui essas habilidades de apuração, edição, decodificação e emissão das informações ou investir em um especialista em determinado tema e esperar que ele busque se tornar um bom comunicador, a segunda opção não deixa de parecer um atalho que só contribui para o empobrecimento do jornalismo.

Chico Garcia e Diori Vasconcelos são profissionais que se enquadram em um raro panorama de investimento dos veículos na especialização dos seus jornalistas. Sobretudo, possuem passagens pelo jornalismo geral e esportivo, que lhes propiciou a aquisição de experiência em diversas funções, seja na reportagem, com a produção de pautas, realização de entrevistas até a apresentação e produção de programas, fora o traquejo para situações em que é normal que se sinta nervosismo, como a tarefa de falar ao vivo nas transmissões dos jogos, ou seja, são profissionais já maduros e que agregam a especialização das regras a essa bagagem, o que também lhes permite desenvolver sistemáticas de trabalho e atualização que contribuem para a qualificação das informações.

E isso se percebe tanto no registro dos dados estatísticos e acontecimentos importantes da arbitragem nos jogos, necessários e fundamentais para que os analistas possam identificar o perfil dos árbitros, como eles costumam lidar com os jogos e portanto, ter embasamento para comentar as partidas sem eventuais surpresas, como no próprio fato desses comentaristas passarem a se constituir como referências que sempre serão procuradas pelos colegas quando estes tiverem alguma dúvida relacionada ao assunto. Isso também garante que o ouvinte não vai se deparar com profissionais leigos no assunto discutindo se o árbitro acertou ou não, dando pontos de vista divergentes ou equivocados sobre esses lances.

As competências dominadas pelos especialistas em razão de sua formação em jornalismo eventualmente poderão tornar secundária a função para a qual se prepararam, diante dos novos desafios que poderão assumir ao longo de suas trajetórias profissionais.

Chico Garcia, que na Gaúcha tinha maior foco no trabalho como analista de arbitragem e também era o consultor do Grupo RBS, viu essa responsabilidade se tornar uma entre outras várias que foi acumulando com a ida para a Bandeirantes, onde assumiu com o tempo um número maior de tarefas, como a apresentação de programas na rádio e na televisão, a coordenação do departamento de esportes da emissora, realização de reportagens nas coberturas televisivas, definição das matérias que vão ao ar no telejornal noturno da emissora, seleção do material que é recebido e o que é enviado à Band São Paulo, entre outras.

Diori também possui diversas responsabilidades não diretamente relacionadas com o fato de ser o analista de arbitragem da Gaúcha, e é repórter, produtor de alguns programas da grade esportiva da emissora e apresentador titular do “Plantão de Domingo” e do “Placar Geral”, além de apresentar eventualmente outros programas. Em suma, além de poder contar com o conhecimento especializado desses profissionais, as empresas que investem neles contarão ainda com o jornalista apto a assumir novos desafios e evoluir dentro de suas trajetórias profissionais.

A partir das informações obtidas pela pesquisa, constata-se que os veículos de comunicação só têm a ganhar direcionando investimentos na especialização dos jornalistas, identificando em seus quadros profissionais aqueles que possuem o perfil para ocupar as lacunas que exigem pessoas qualificadas para tratar de temas que demandam maior aprofundamento e conhecimento técnico. Porque além de cumprirem essa função, possuem margem para crescimento, desenvolvimento e até mesmo criação de metodologias de trabalho, representando um marco referencial para os colegas de profissão que no futuro seguirem o mesmo caminho.

Automaticamente, esses investimentos também contribuem para um desenvolvimento mais amplo do jornalismo, já que no momento em que uma empresa apresenta determinado diferencial que as concorrentes não possuem, a tendência é que elas também queiram seguir o mesmo caminho, e adotem essas novas práticas e/ou modelos de trabalho, o que só vem a qualificar o campo como um todo. Foi assim que o radiojornalismo esportivo se desenvolveu, que as funções de narrador, repórter, plantão esportivo e comentarista se consolidaram, com a adoção do modelo que segue firme até hoje nas emissoras de esportes em todo o

país, com suas variações dentro de especificidades próprias das regiões em que estão inseridas, contexto econômico das empresas, etc.

O que se identifica em Porto Alegre é que a partir das primeiras experiências com a inserção do analista de arbitragem nos departamentos de esportes da Guaíba e da Gaúcha, essas emissoras assim como as concorrentes buscaram manter regular o exercício dessa função. A Gaúcha teve nesses últimos anos, além de Diori, três diferentes profissionais especializados nas regras, um deles o ex-árbitro Leonardo Gaciba. A Guaíba chegou a contar com dois concomitantemente e por questões de reconfigurações do seu quadro, hoje não conta com nenhum. Já a Bandeirantes tem em Chico Garcia o seu analista desde 2010. E há ainda a rádio Grernal, que contratou em 2013, o comentarista Alex Bagé. A regularidade constatada nos quadros profissionais dessas emissoras deixa claro que a informação embasada nas regras se tornou fundamental no contexto das coberturas esportivas.

O questionamento que fica é se esse quadro pode melhorar nos próximos anos, com uma iniciativa maior das empresas na manutenção da função, investimentos na especialização de novos jornalistas, quem sabe até para contar com mais de um analista. Dessa forma, é pertinente que no futuro novos estudos se aprofundem nesse aspecto, também buscando identificar se esse marco inicial do radiojornalismo esportivo em Porto Alegre também produzirá efeitos em outras regiões do país, que até o momento não acompanharam essa tendência verificada aqui na Capital, não dentro da especificidade de jornalistas especializados, inclusive com o desenvolvimento de novas metodologias de trabalho. Outro aspecto relevante a ser tratado em futuras pesquisas sobre o tema é a maneira como o ouvinte recebe e avalia essa informação e qual a importância ele confere à participação dos analistas de arbitragem nas jornadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCOBA LOPEZ, Antonio. **Espelización: Futuro del periodismo**. Caja de Madrid. Madrid, 1988.
- ALCOBA LOPEZ, Antonio. **Periodismo desportivo**. Editorial Sintesis. Madrid, 2005.
- COELHO, Arnaldo César. **A regra é clara**. São Paulo. Globo, 2002.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: O veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre. Sagra Luzzato, 2000.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas. ULBRA, 2002.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre, L&PM, 1995.
- JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo. Contexto, 2004.
- KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: A síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre, Edipucrs, 2011.
- MEDITISCH, Eduardo Barreto Vianna. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis. Insular, 2001.
- PÉRICO, Luciano. **Gol: O plantão esportivo como meio complexo de informação**. 1999. 108 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- PRADO, Thiago de Souza. **O Comentário na Jornada Esportiva da Rádio Guaíba AM**. 2007. 88 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- SÁNCHEZ, Alberto Pedro Pérez. **El género de la retransmisión deportiva radiofónica: condicionantes y pautas para la idoneidad de la retransmisión futbolística en la era digital**. 2013. 361 f. Tese (Doutorado) - Facultad de Comunicación, Departamento de Filosofía y Humanidades, Universidad Pontificia de Salamanca, Salamanca, 2013.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**. São Paulo. Summus Editorial, 1994.

ZUCULOTO, Valcir Regina Mousquer. **No ar – a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular. 2012.